

Jovens no Pós-Secundário 2010 a 2017

Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Profissionais



DGEEC | julho | 2020

FICHA TÉCNICA

Título

Jovens no Pós-Secundário 2010 a 2017 – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Profissionais

Autores

Joana Duarte, Susana Fernandes, Ricardo Cotrim Santos e Luísa Canto e Castro
Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI) / Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Edição

Direção de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Av. 24 de Julho, n.º 134

1399-054 Lisboa

Tel.: (+351) 213 949 200

Fax: (+351) 213 957 610

E-mail: dgeec.degadi@dgeec.mec.pt

URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

Para mais informações sobre estes dados, contactar a Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI/DGEEC) através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.degadi@dgeec.mec.pt.

Índice

Introdução.....	4
1. Caracterização	5
2. Trajetos pós-secundários dos jovens dos cursos científico-humanísticos (CCH).....	10
2.1. Jovens que se encontravam exclusivamente a estudar	10
2.2. Jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar	15
2.3. Trabalhadores estudantes.....	19
2.3.1. Percurso escolar.....	19
2.3.2. Inserção profissional.....	22
3. Jovens dos cursos profissionais (CP).....	26
3.1. Jovens que se encontravam exclusivamente a estudar	27
3.2. Jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar	31
3.3. Trabalhadores estudantes.....	36
3.3.1. Percurso escolar.....	36
3.3.2. Inserção profissional.....	39

Introdução

A presente publicação apresenta a evolução entre 2010 e 2017 dos principais resultados do inquérito “Jovens no Pós-Secundário”. Este inquérito é aplicado junto dos alunos 14 meses após a data prevista de conclusão do ensino secundário e está inserido no Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES), coordenado pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC). O OTES é um projeto que tem por objetivo monitorizar e acompanhar os trajetos escolares e profissionais de jovens que frequentam (ou frequentaram) o ensino secundário em escolas públicas e privadas de Portugal Continental, sendo a riqueza da sua informação um apoio importante para a tomada de decisão ao nível local e central.

Para analisar os trajetos escolares dos estudantes do ensino secundário são aplicados três inquéritos em três momentos distintos do percurso:

- Inquérito aos Estudantes à Entrada do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes anos curriculares dos cursos: 10.º ano dos cursos científico-humanísticos, 10.º ano dos cursos tecnológicos, 1.º ano dos cursos profissionais, 10.º ano do ensino artístico especializado e cursos de educação e formação (tipo 4 e formação complementar) ou 1.º ano dos cursos vocacionais;
- Inquérito aos Estudantes à Saída do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes anos curriculares dos cursos: 12.º ano dos cursos científico-humanísticos, 12.º ano dos cursos tecnológicos, 3.º ano dos cursos profissionais, 12.º ano do ensino artístico especializado e cursos de educação e formação (tipo 5 e tipo 6, 2.º ano) ou 2.º ano dos cursos vocacionais;
- Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário, aplicado aos jovens que compunham a coorte inicial catorze meses após a conclusão esperada do 12.º ano.

O inquérito aos jovens no pós-secundário permite inquirir:

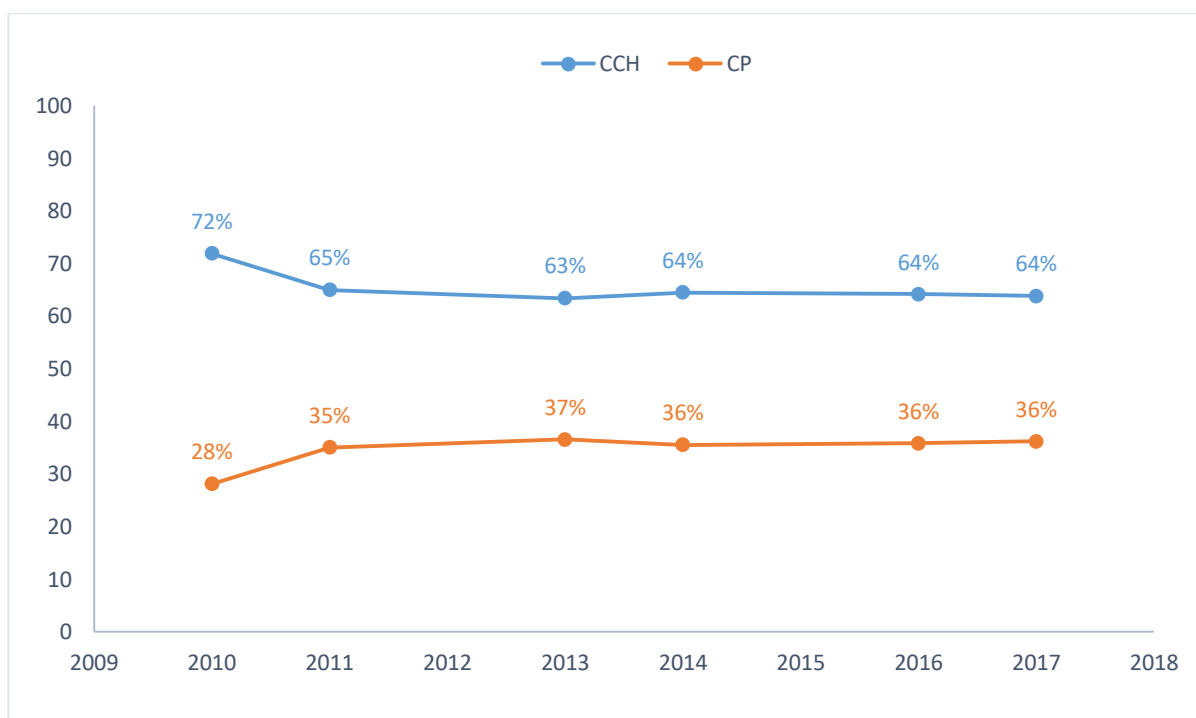
1. os alunos que concluíram o ensino secundário ou equivalente catorze meses após a data prevista de conclusão; e
2. os alunos da coorte inicial que, tendo mudado para ofertas formativas não tuteladas pelo Ministério da Educação ou sofrido reprovações, interrupções, saídas antecipadas ou precoces ao longo do seu percurso neste nível de ensino, não foram abrangidos pelo questionário Estudantes à Saída do Secundário.

Para efeitos de extrapolação para o *universo* de alunos a abranger pelo inquérito, a DGEEC procedeu ao cálculo de ponderadores calibrados à realidade da população escolar em cada um dos anos letivos, pelo que os resultados apresentados no presente relatório são representativos da totalidade dos estudantes que constituem o objeto do estudo, mais precisamente, o dos alunos diplomados com Cursos Científico-Humanísticos (CCH) ou Cursos Profissionais (CP).

1. Caracterização

A repartição dos diplomados com CCH e CP em cada um dos inquéritos aos jovens no pós-secundário, tem-se mantido aproximadamente constante a partir do inquérito de 2011 (65% CCH, 35% CP, em 2011; 64% CCH, 36% CP, em 2017), isto após uma acentuada aproximação entre 2010 e 2011 (Figura 1).

Figura 1 - Jovens no pós-secundário provenientes dos cursos científico-humanísticos e cursos profissionais, por ano (%)

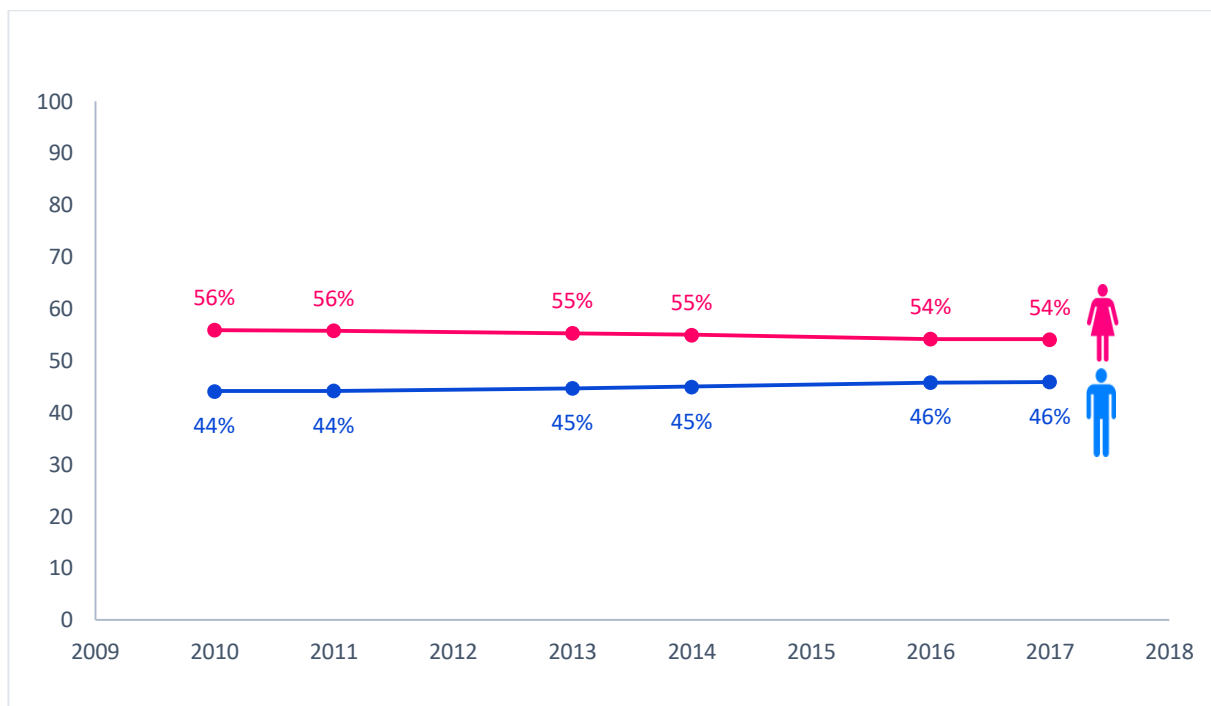


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais.

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Por sexo, a presença das raparigas evidencia-se com 54%, representando os rapazes cerca de 46% da população escolar, não tendo esta distribuição variado muito ao longo do período analisado (Figura 2).

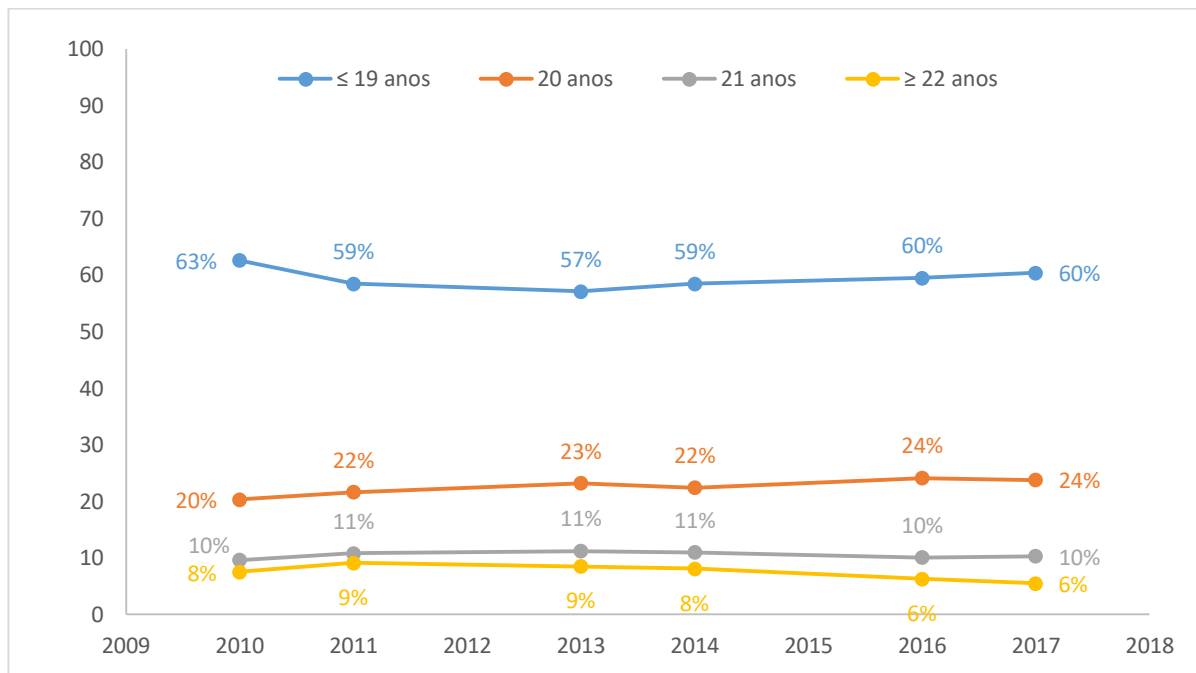
Figura 2 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos e cursos profissionais no ensino secundário, por sexo e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Relativamente à idade, em 2017 60% dos jovens tinham 19 anos ou menos e os restantes distribuíam-se em percentagem decrescente pelas seguintes idades: 24% com 20 anos, 10% com 21 anos e 6% com 22 anos ou mais. Neste período de 8 anos observou-se um decréscimo de 6 p.p. na percentagem de jovens com 19 anos, entre 2010 e 2013, e uma estabilização da distribuição etária nos dois anos mais recentes, observando-se uma diminuição de jovens mais velhos – com idades compreendidas entre os 21 e os 22 e mais anos –, com um decréscimo de 2 p.p. relativamente a 2010 (Figura 3).

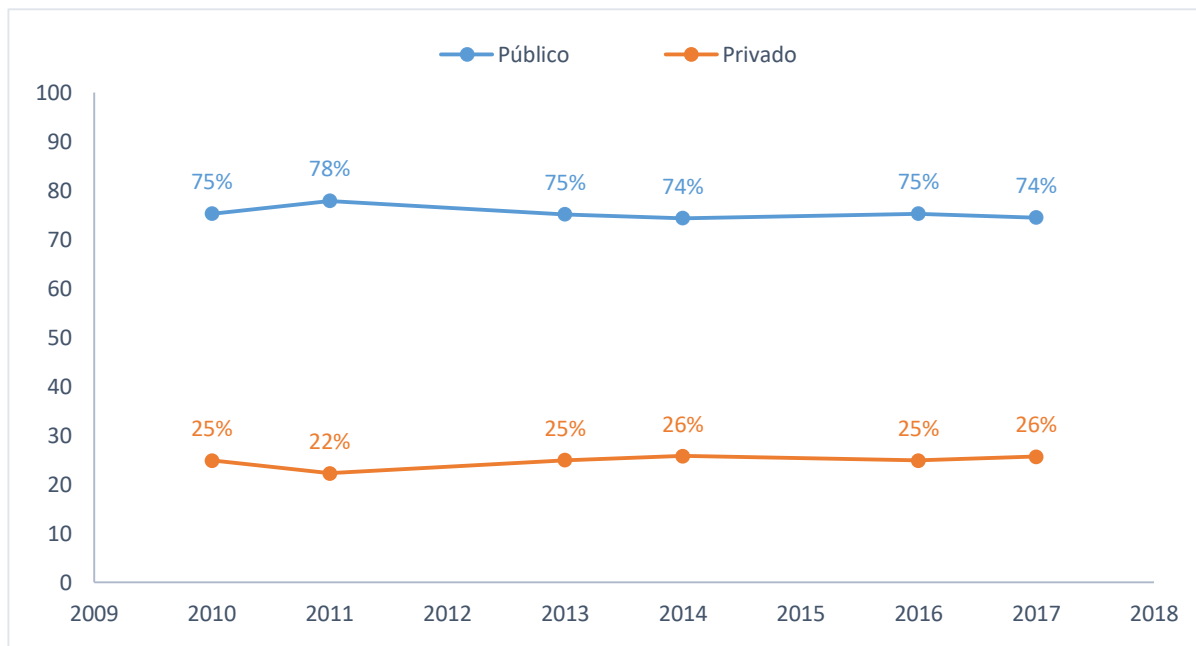
Figura 3 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos e cursos profissionais no ensino secundário, por idade e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

No que respeita à natureza do estabelecimento de ensino frequentado pelos jovens, observou-se que a maioria (74%) frequentou escolas públicas face a 26% que frequentaram um estabelecimento de ensino privado, mantendo-se os valores ao longo deste período (Figura 4).

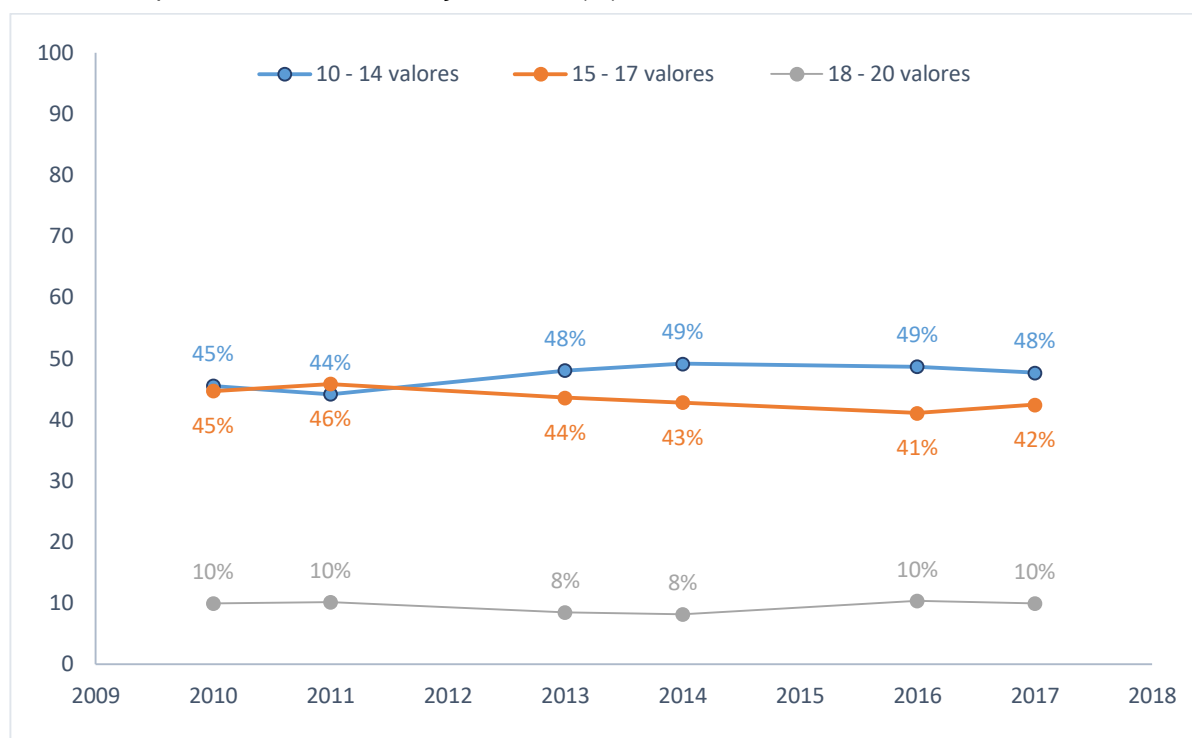
Figura 4 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos e cursos profissionais no ensino secundário, por tipo de estabelecimento e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

No que respeita a média das classificações, ao longo do período observa-se uma subida de 3 p.p. entre 2010 e 2017 nas médias entre 10 e 14 valores, acompanhado de uma descida de 3 p.p. nas médias entre 15 e 17 valores, e uma manutenção nas médias de excelência – entre os 18 e 20 valores – nos 10% (Figura 5).

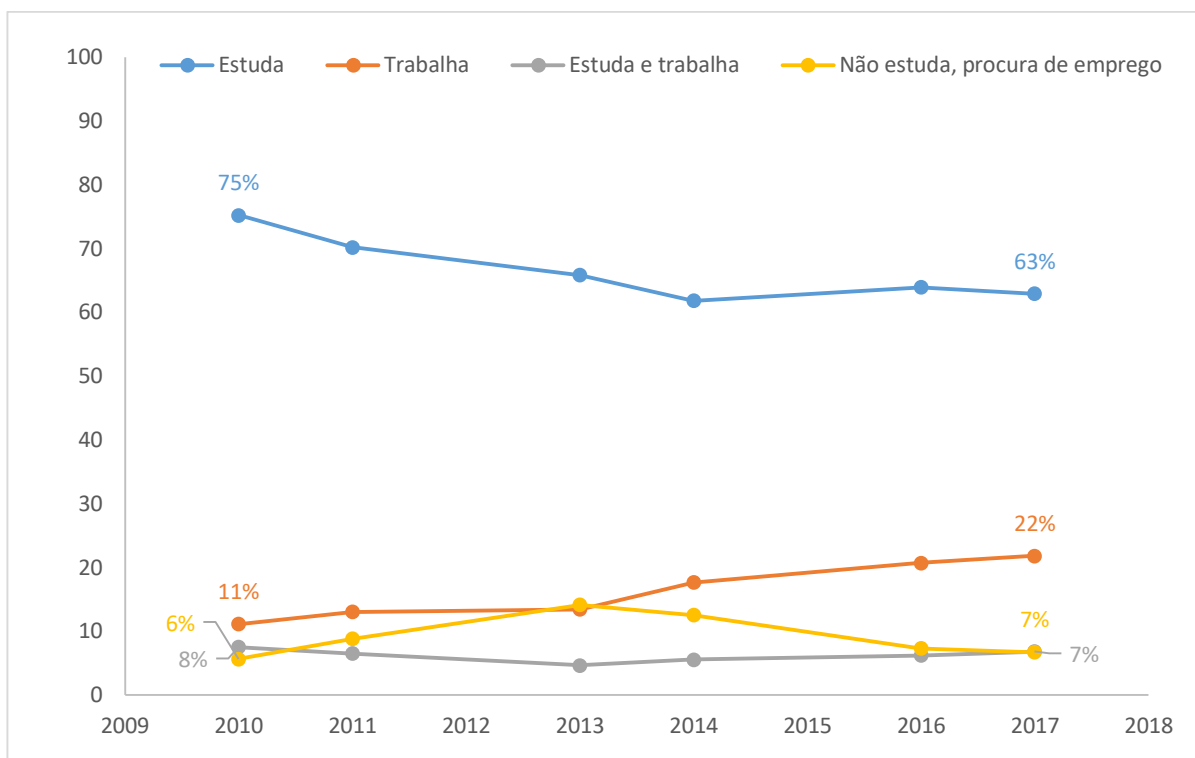
Figura 5 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos e cursos profissionais no ensino secundário, por média das classificações e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A maior parte dos jovens provenientes dos CCH e CP, ao longo deste período, encontravam-se exclusivamente a estudar, embora se observe uma descida de 12 p.p. relativamente a 2010 (Figura 6). Verifica-se igualmente uma subida de 11 p.p. naqueles que se encontravam exclusivamente a trabalhar, devendo-se, em grande medida, ao aumento do número de alunos nos cursos profissionais (cf. Figura 1). Relativamente aos trabalhadores estudantes e aqueles que não estudam, mas procuram emprego os valores têm-se mantido mais ou menos estáveis, na ordem dos 7% para ambos.

Figura 6 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos e cursos profissionais no ensino secundário, por atividade realizada no pós-secundário e ano (%)

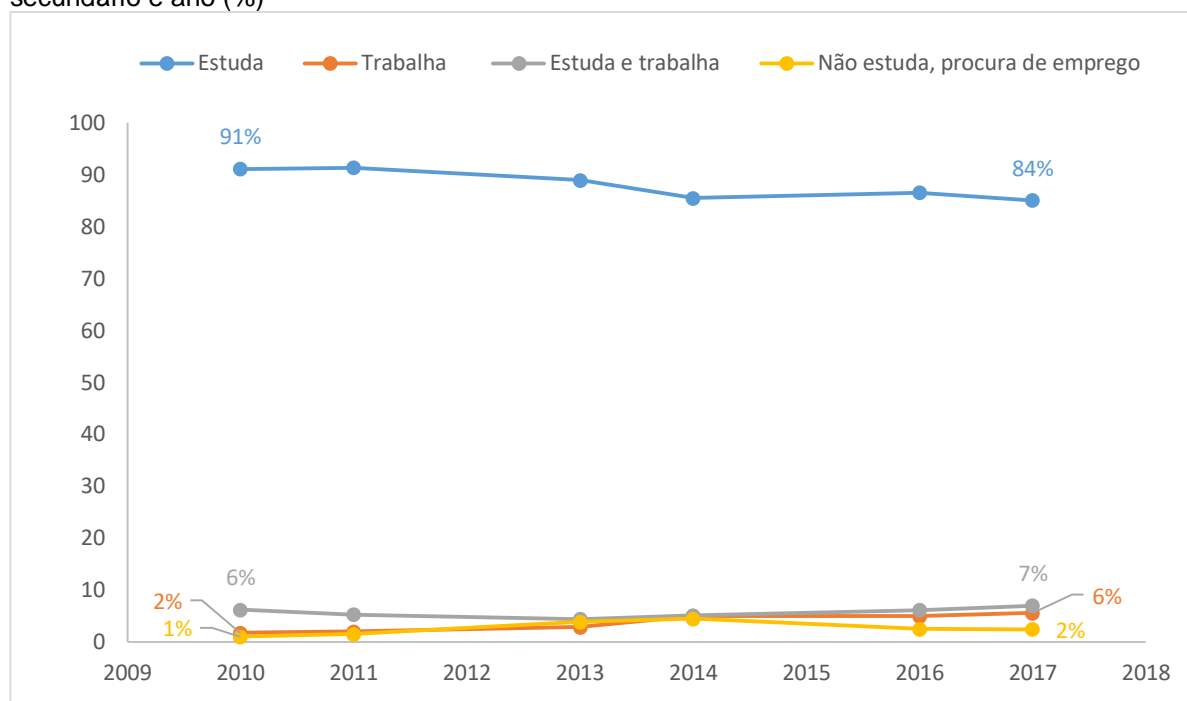


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

2. Trajetos pós-secundários dos jovens dos cursos científico-humanísticos (CCH)

No pós-secundário, a grande maioria dos jovens provenientes dos CCH no ensino secundário encontrava-se exclusivamente a estudar (84%), menos 7 p.p. que em 2010, e indo ao encontro dos objetivos desta oferta educativa que visa o prosseguimento dos estudos. As situações de jovens trabalhadores estudantes representavam 7% e a percentagem dos que se encontravam exclusivamente a trabalhar assumia um valor de 6%, mais 4 p.p. que em 2010. Por último, aqueles que não estavam a estudar e procuravam emprego representavam 2% dos jovens provenientes dos CCH (Figura 7).

Figura 7 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos, por atividade realizada no pós-secundário e ano (%)

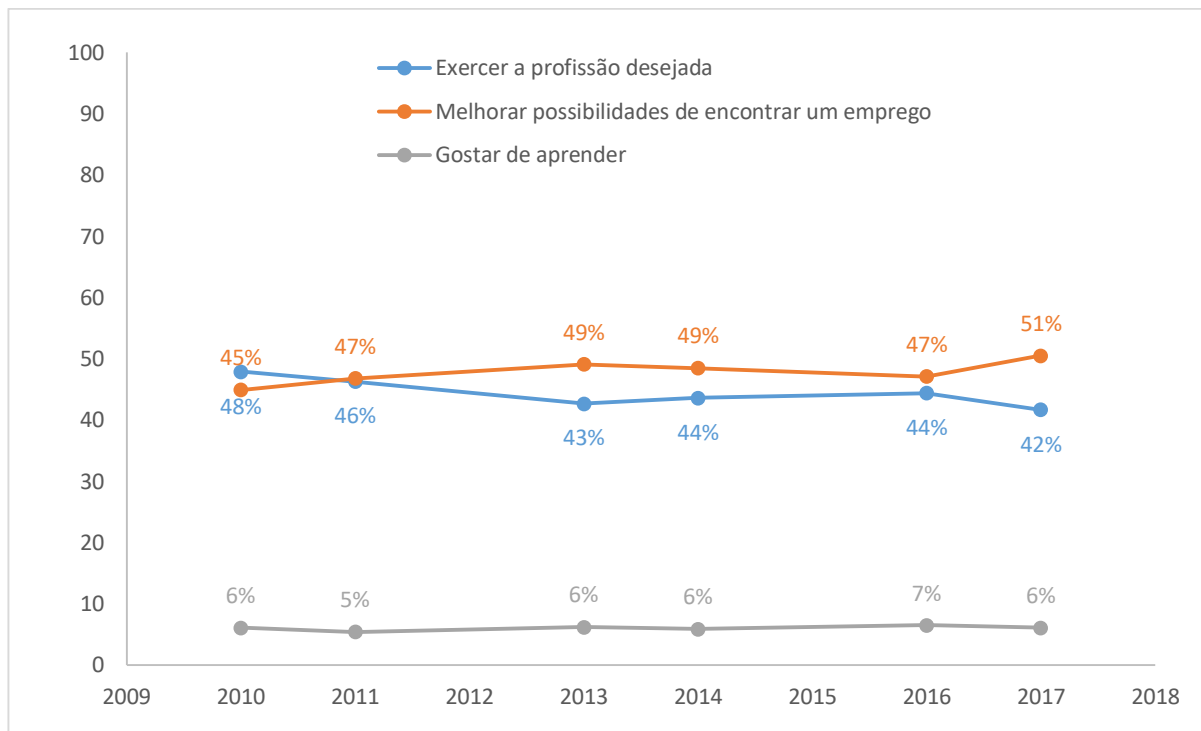


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

2.1. Jovens que se encontravam exclusivamente a estudar

Os três motivos mais apontados pelos jovens dos CCH para prosseguirem estudos no pós-secundário foram: melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (51%), exercer a profissão desejada (42%) e o facto de gostarem de aprender (6%). A escolha da opção de melhorar as possibilidades de encontrar um emprego foi o motivo que mais peso ganhou junto dos estudantes provenientes do CCH, com um aumento de 6 p.p. entre 2010 e 2017, e a possibilidade de exercer a profissão desejada uma diminuição dos mesmos 6 p.p. mantendo-se a opção do gosto pela aprendizagem ao longo deste período (6%) (Figura 8).

Figura 8 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos, por razões para o prosseguimento de estudos e ano (%)



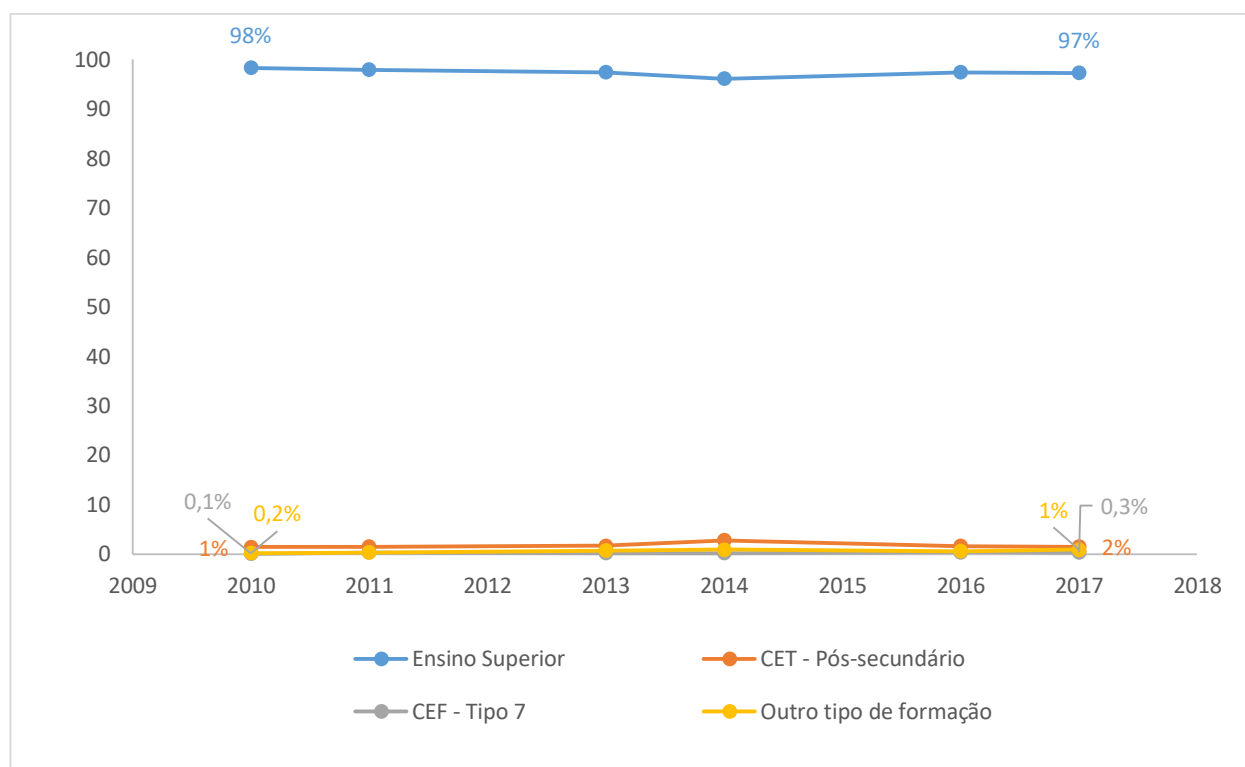
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A maioria dos estudantes provenientes dos CCH encontravam-se a frequentar o ensino superior (universitário ou politécnico, representando 97%), 2% a frequentar cursos CET pós-secundário, 0,3% cursos CEF – Tipo 7 e 1% outro tipo de formação (Figura 9).

Em 2017 foram introduzidas alterações no questionário jovens no pós-secundário, o que permitiu desagregar o ensino superior por tipo de oferta – o ensino superior universitário e ensino superior politécnico. Os jovens provenientes dos CCH, que estavam exclusivamente a estudar, estavam maioritariamente no ensino superior universitário (73%), seguindo-se o ensino superior politécnico (26%), e dentro do ensino politécnico, os cursos TeSP¹ (1%).

¹ TeSP – Curso técnico superior profissional

Figura 9 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos, por formação frequentada no pós-secundário e ano (%)

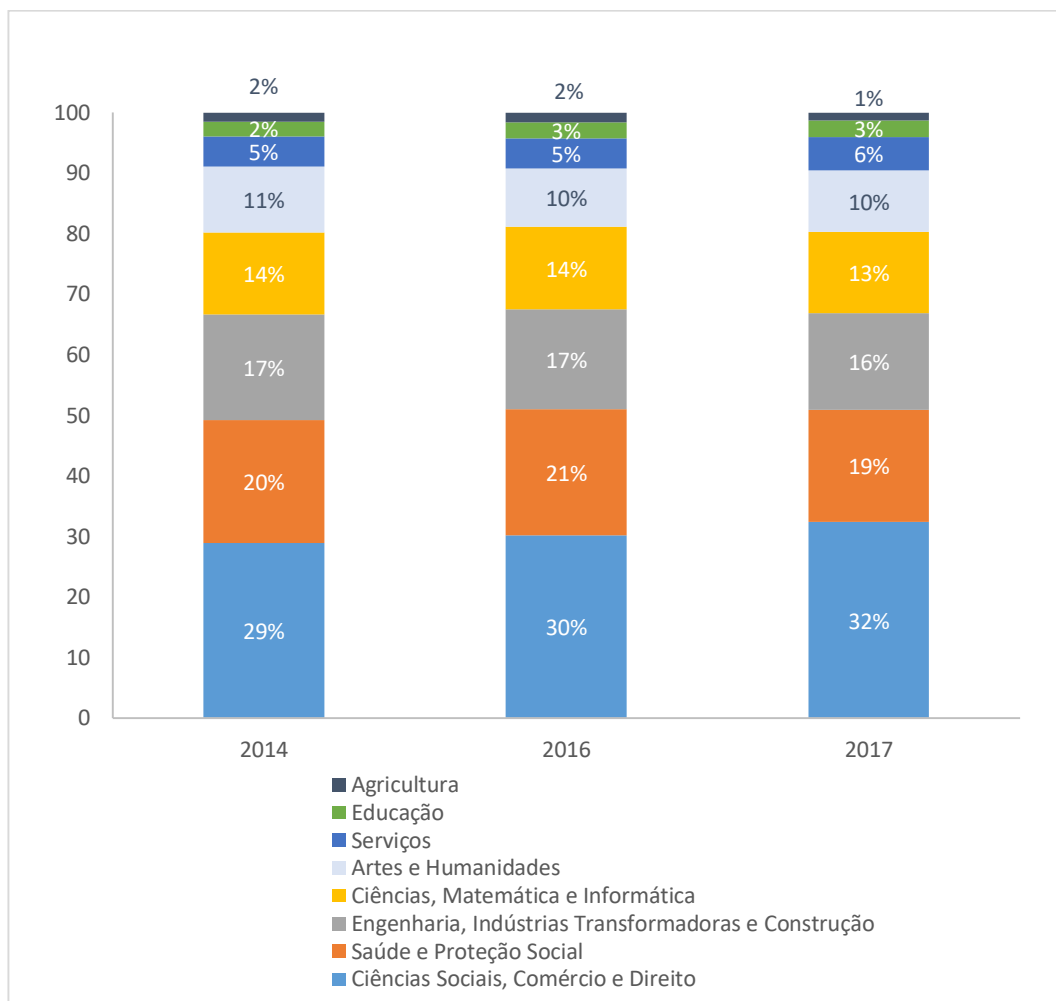


Nota: CET – Curso de especialização tecnológica; CEF – Curso de educação e formação

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Relativamente às áreas de estudo, os dados existentes apenas permitem uma análise de 4 anos, entre 2014 e 2017. As áreas de estudo mais escolhidas pelos jovens que prosseguiram estudos no pós-secundário, quer seja no ensino superior (Licenciatura, Mestrado Integrado, TeSP), quer em cursos de especialização profissional (CEF, CET, entre outros), foram as ciências sociais, comércio e direito (32%), com um aumento de 3 p.p. entre 2014 e 2017, seguindo-se a saúde e proteção social (19%), a engenharia, indústrias transformadoras e construção (16%), ciências, matemática e informática (13%), artes e humanidades (10%), serviços (6%), educação (3%) e, por último, a agricultura. A maior parte das áreas de estudo, com a exceção das ciências sociais, comércio e direito, não sofreram grandes alterações entre 2014 e 2017 (Figura 10).

Figura 10 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos, por área de estudo da formação frequentada no pós-secundário e ano (%)

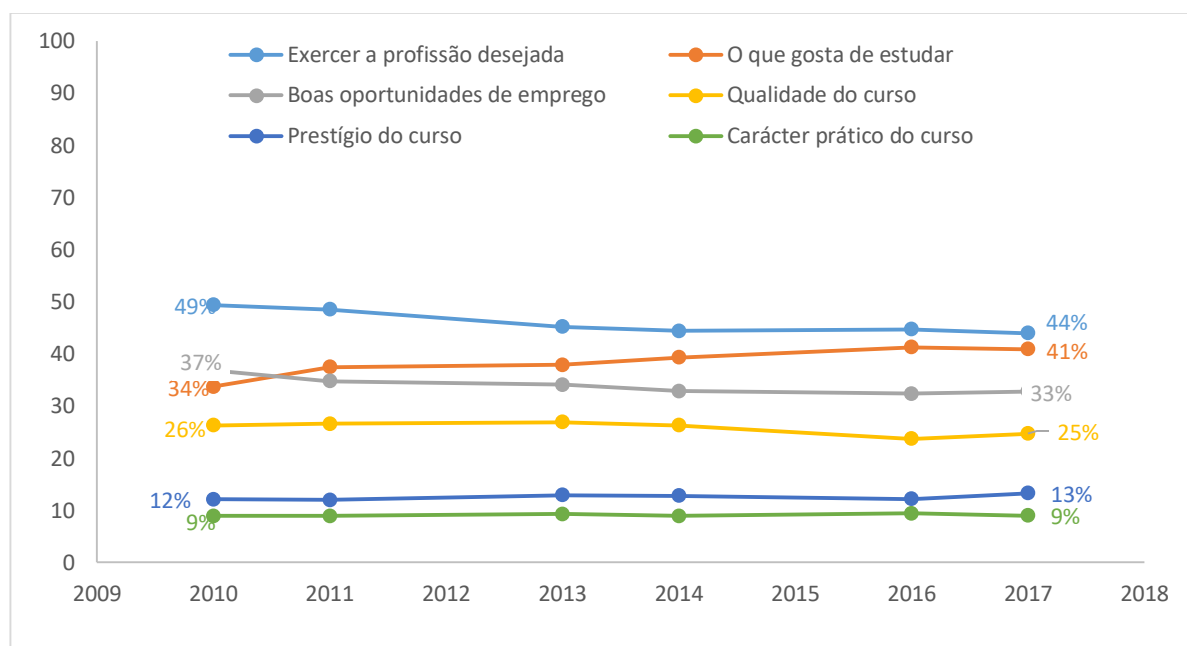


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário (2014, 2016 e 2017).

Como a escolha da área de estudo do curso a seguir pode ser difícil, e simultaneamente determinante para o futuro escolar e profissional dos jovens, torna-se pertinente compreender quais as principais motivações para a escolha do curso ou formação a seguir no pós-secundário.

Exercer a profissão desejada (44%), embora com um decréscimo de 5 p.p. entre 2010 e 2014, a par com o ser o curso que gostam de estudar (41%, com um aumento de 5 p.p. no mesmo período) são os motivos mais apontados por estes jovens, seguindo-se as boas oportunidades de emprego (33%, com menos 4.p.p.), a qualidade do curso (25%), o prestígio do curso (13%) e o seu carácter prático (9%), mantendo os valores ao longo deste período). Em termos de evolução temporal, há a destacar o aumento da percentagem de alunos que apontam que a escolha teve a ver com o que gostam de estudar, por contrapartida do decréscimo dos que referem o exercício da profissão desejada (Figura 11).

Figura 11 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos, por razões para a escolha do curso ou formação no pós-secundário e ano (%)

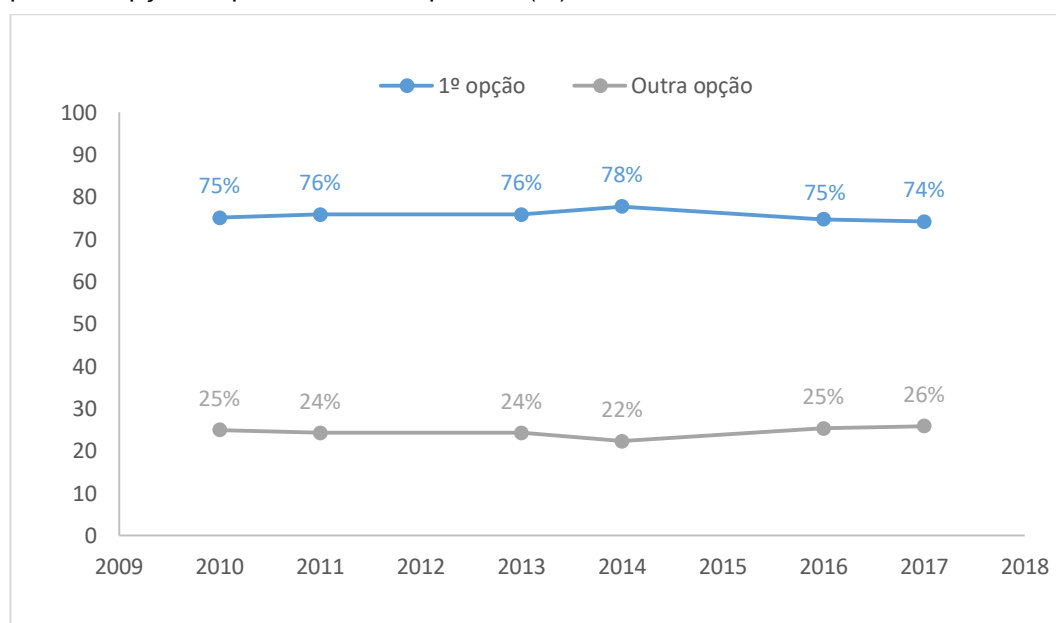


Nota: esta análise refere-se a uma questão de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A maior parte dos estudantes provenientes dos CCH exclusivamente a estudar frequentavam o curso que desejavam, isto é, o curso escolhido em 1ª opção, sendo que os restantes 26% frequentavam um curso que não era a sua primeira opção, valores que não sofreram grandes alterações no período de análise (Figura 12).

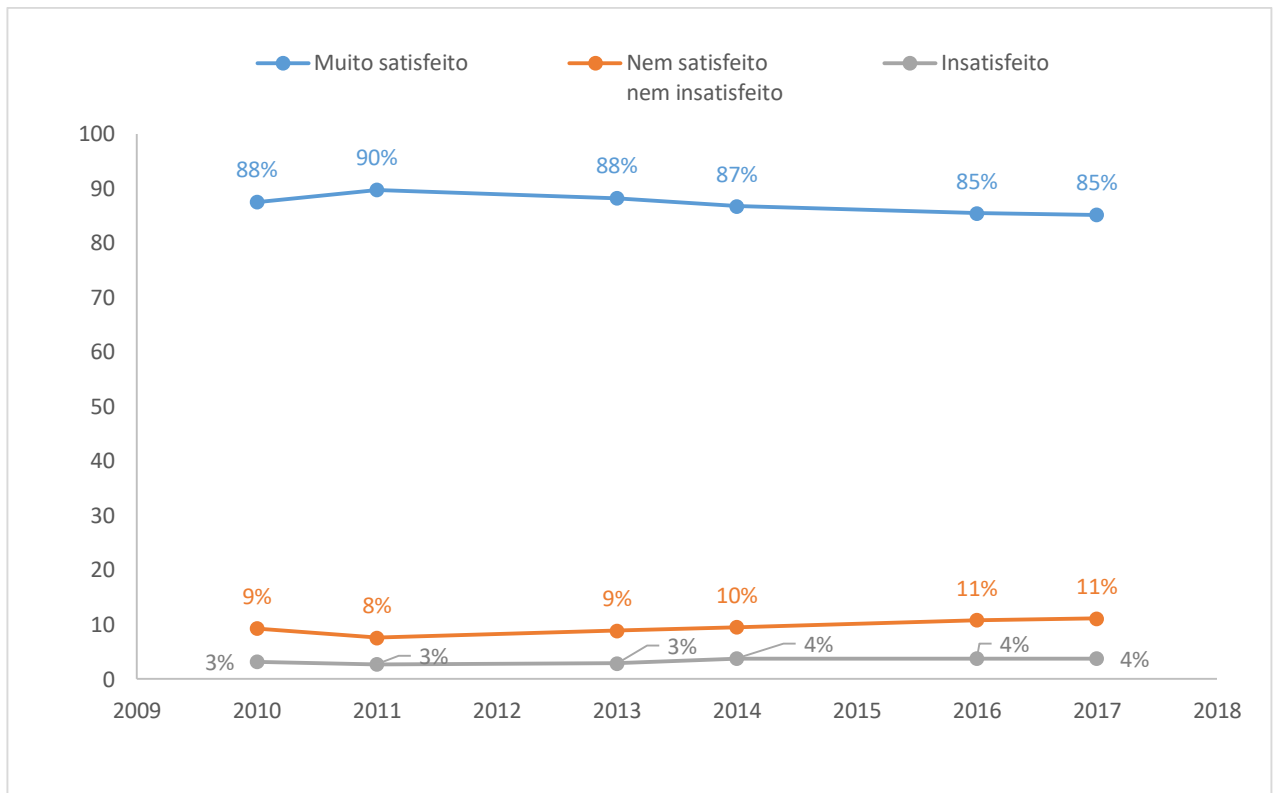
Figura 12 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos a frequentar o curso escolhido em primeira opção no pós-secundário, por ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Por estarem maioritariamente a frequentar o curso desejado, 85% destes jovens estavam satisfeitos com o seu percurso escolar no pós-secundário, embora esta satisfação tenha descido 3 p.p. entre 2010 e 2017, compensados pelos 2 p.p. de subida entre os que não estavam nem satisfeitos nem insatisfeito, e o 1 p.p. entre os que estavam insatisfeitos com o trajeto escolar (figura 13).

Figura 13 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos, por grau de satisfação face ao trajeto escolar no pós-secundário e ano (%)



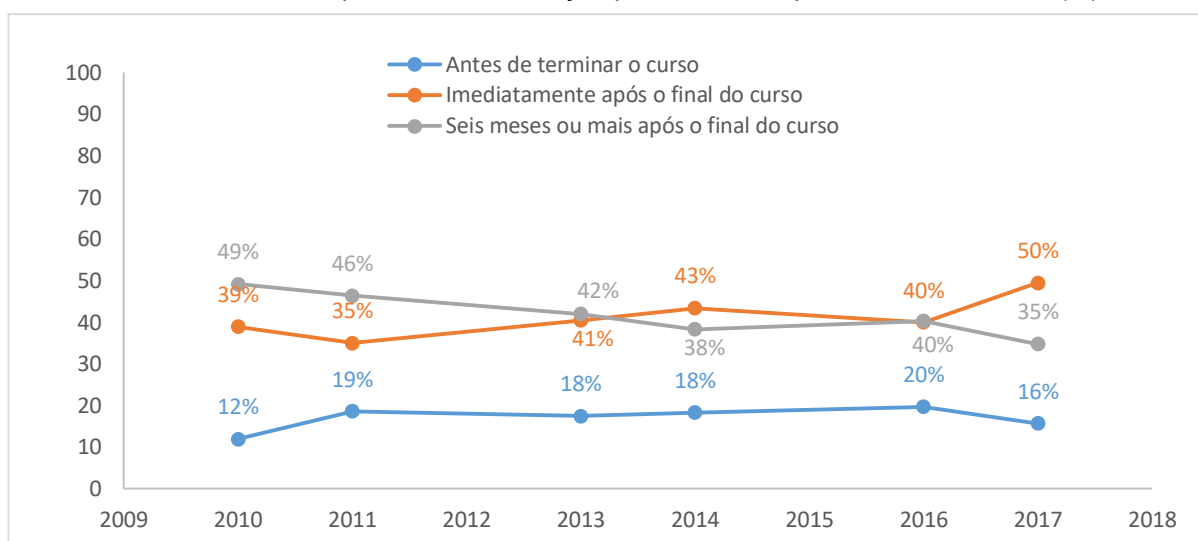
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

2.2. Jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar

Entre os jovens detentores de um CCH no ensino secundário, apenas 6% se encontravam exclusivamente a trabalhar (cf. Figura 7).

Analisando o momento de inserção profissional destes jovens, observou-se que, em 2017, a maioria começou a trabalhar imediatamente após o final do secundário (50%), seguindo-se os que começaram seis ou mais meses após o final do secundário (35%) e 16% antes de terminarem o secundário. Entre 2010 e 2017, o momento de inserção profissional mudou bastante, tendo aumentado 4 p.p. para aqueles que começaram a trabalhar antes do final do secundário, e 11 p.p. para os que começaram a trabalhar imediatamente a seguir a terminar o secundário, e por último, e conseqüente diminuição de 14 p.p. naqueles que começaram a trabalhar seis ou mais meses após o final do secundário (Figura 14).

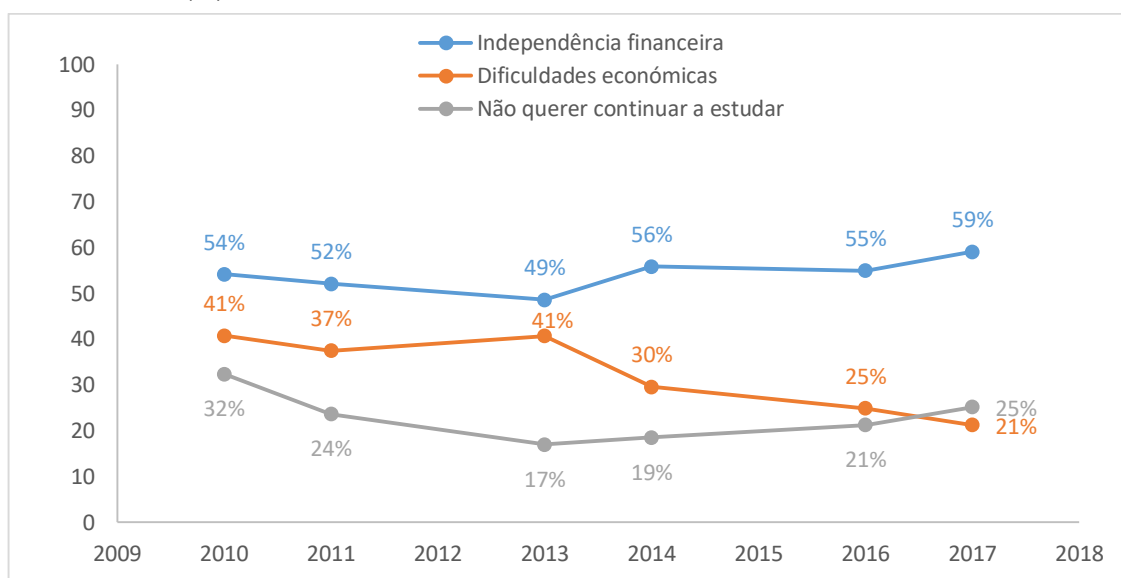
Figura 14 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por momento inserção profissional no pós-secundário e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A maioria dos jovens (59%) pretendia obter a independência financeira, mais 5 p.p. em relação a 2010, e 25% quiseram deixar de estudar (menos 7 p.p. face a 2010). Os jovens que começaram a trabalhar porque tinham dificuldades económicas representavam 21%, e apresentam um decréscimo de 20 p.p. face a 2010 (Figura 15).

Figura 15 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos que se encontravam exclusivamente a trabalhar, pelas três principais razões para começarem a trabalhar no pós-secundário e ano (%)

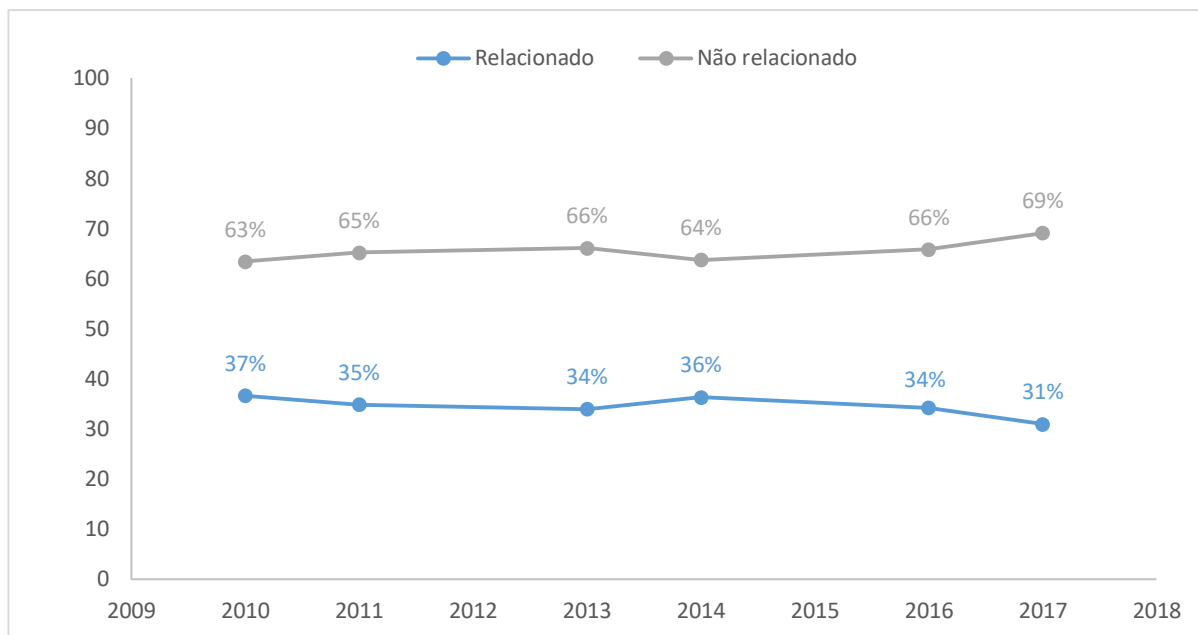


Nota: esta análise refere-se a uma questão de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

No inquérito de 2017, a maioria destes jovens trabalhadores (69%) afirmou que a profissão que desempenhavam no momento não estava relacionada com aquela que gostariam de desempenhar no futuro, com um aumento de 6 p.p. relativamente a 2010, e tendo descido 6 p.p. aqueles que afirmavam estar relacionado (Figura 16).

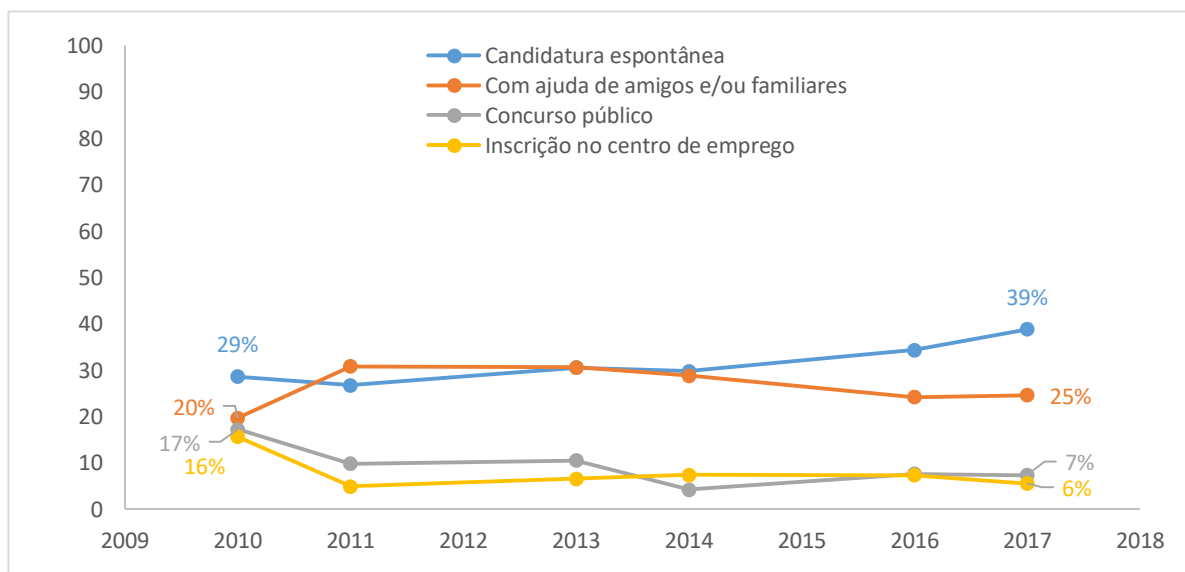
Figura 16 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A inserção no mercado de trabalho acontece principalmente por iniciativa pessoal através de candidatura espontânea (39%), com ajuda de amigos e/ou familiares (25%), através de concurso público (7%) ou pela inscrição no centro de emprego (6%). Entre 2010 e 2017, a candidatura espontânea ganhou muita relevância com um aumento de 10 p.p. e também a ajuda de amigos e/ou familiares com um aumento de 5 p.p. O concurso público e a inscrição no centro de emprego perderam muita importância tendo ambos diminuído 10 p.p. entre 2010 e 2017 (Figura 17).

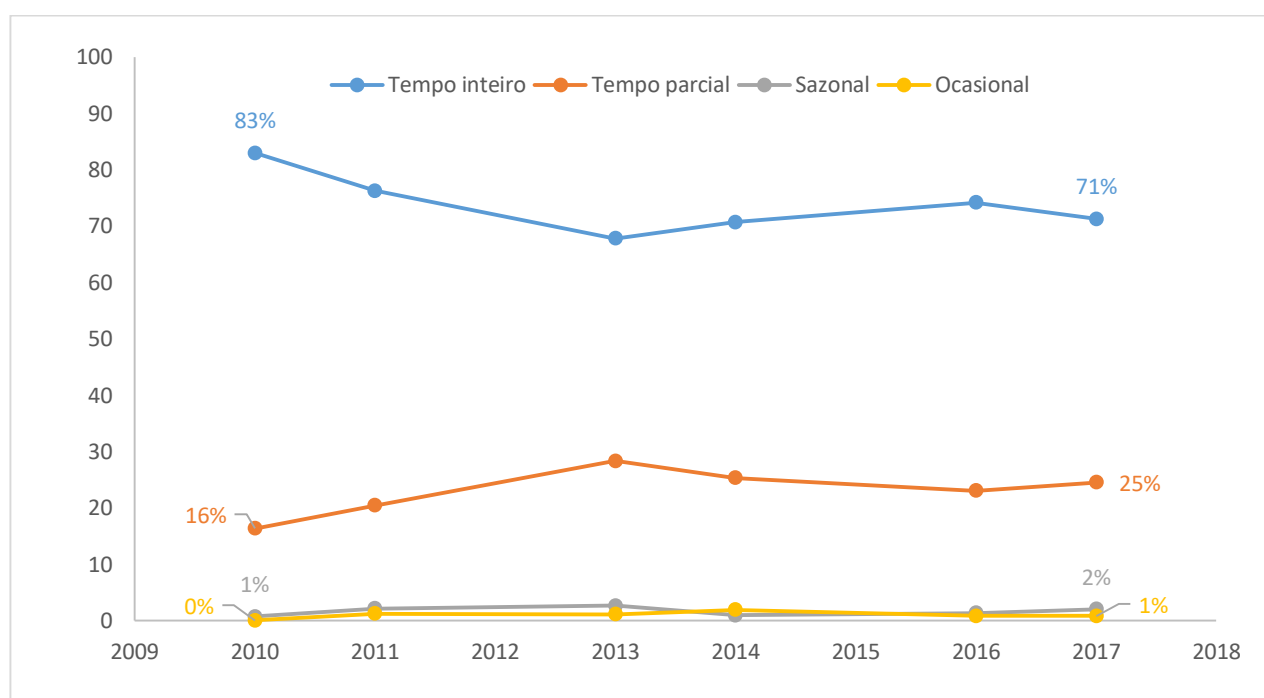
Figura 17 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos que se encontravam exclusivamente a trabalhar, pelos quatro principais modos de inserção profissional e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Os jovens provenientes dos CCH que se encontravam exclusivamente a trabalhar faziam-no maioritariamente a tempo inteiro (71%), a tempo parcial (25%) e de forma sazonal (2%). Mas também a estrutura desta empregabilidade sofreu alterações no período 2010 a 2017, diminuindo 12 p.p. entre aqueles que trabalhavam a tempo inteiro, para o aumento de 9 p.p. entre os que trabalhavam a tempo parcial e 1 p.p. para aqueles que o faziam sazonalmente. De salientar ainda o acentuado crescimento da incidência do trabalho a tempo parcial no período de 2010 a 2013 (Figura 18).

Figura 18 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por condição perante o trabalho e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

As principais profissões² desempenhadas pelos jovens provenientes dos CCH que estavam exclusivamente a trabalhar pertenciam, maioritariamente, aos grupos do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança, e vendedores”³ (48%), seguindo-se os “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies” (15%), os “trabalhadores não qualificados” (12%) e o “pessoal administrativo” (11%). Os jovens que desempenharam funções de “técnicos e profissionais de nível intermédio”, “pessoal administrativo” e “trabalhadores não qualificados” são os que revelaram uma redução entre 2010 e 2017 (8 p.p., 6 p.p. e 5 p.p.). Os que mais aumentaram nesse período foi o “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (12 p.p.) (Quadro 1).

² Classificação portuguesa das profissões (CPP) 2010, ao nível do Grande Grupo

³ Este grupo profissional engloba profissões com tarefas e funções no domínio da assistência a viagens, preparação e serviço de refeições, estética, limpeza, trabalho doméstico, astrologia, prestação de cuidados a animais, vendas, auxílio no cuidado a crianças, proteção de pessoas e bens e na manutenção de segurança e ordem pública.

Quadro 1 - Jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por grande grupo profissional e ano (%)

	2010	2011	2013	2014	2016	2017
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	1	5	4	4	3	3
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	0	1	2	2	3	2
Técnicos e profissionais de nível intermédio	14	7	6	14	9	6
Pessoal administrativo	17	12	11	12	9	11
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	36	53	46	44	43	48
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	3	0	2	1	1	1
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificiais	13	8	14	9	18	15
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	0	5	5	3,5	3	3
Trabalhadores não qualificados	17	10	12	12	12	12
Total	100	100	100	100	100	100

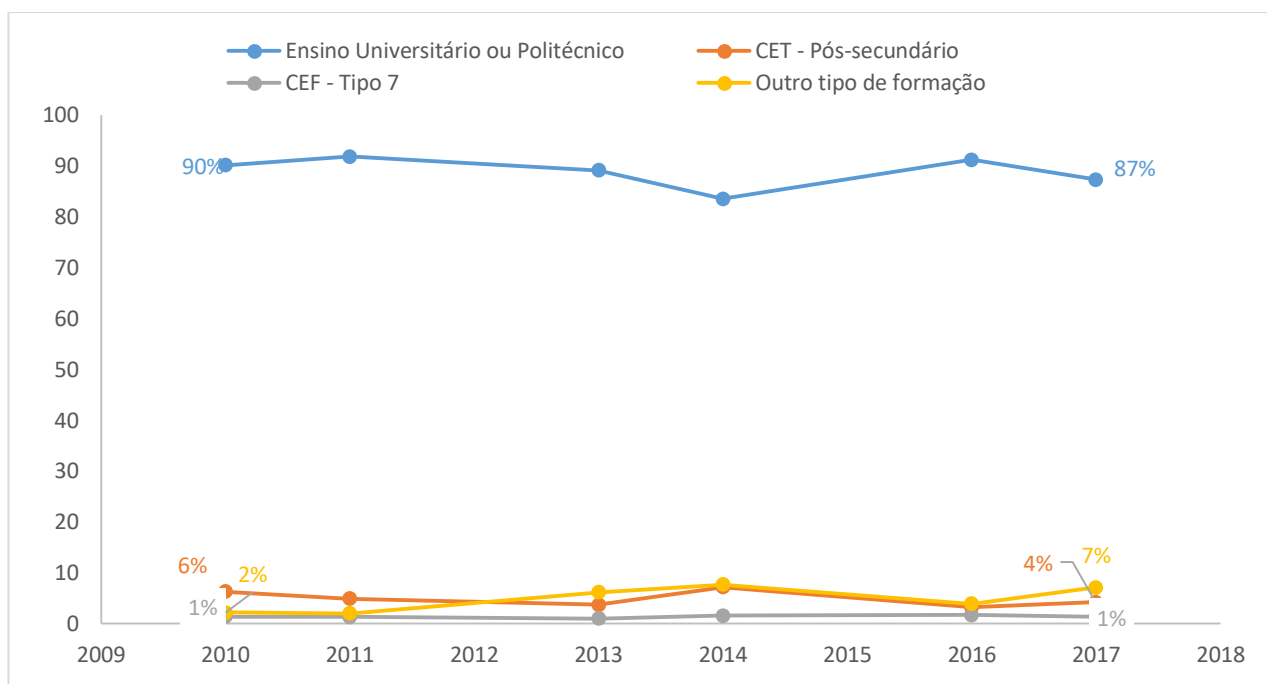
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

2.3. Trabalhadores estudantes

2.3.1. Percurso escolar

A maioria dos trabalhadores estudantes provenientes de CCH encontravam-se, em 2017, a frequentar o ensino universitário (superior ou politécnico - 87%), 4% um CET, 1% um CEF e 7% outro tipo de formação (Figura 19). Ao longo do período em análise, o grupo dos trabalhadores estudantes teve pouca representatividade entre os oriundos dos CCH (entre 4% e 7%, cf. Figura 7) e, decorrente desse facto, poucas conclusões se podem tirar das diferenças que se observam nas distribuições anuais (Figura 19).

Figura 19 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos científico-humanísticos, por formação frequentada no pós-secundário e ano (%)



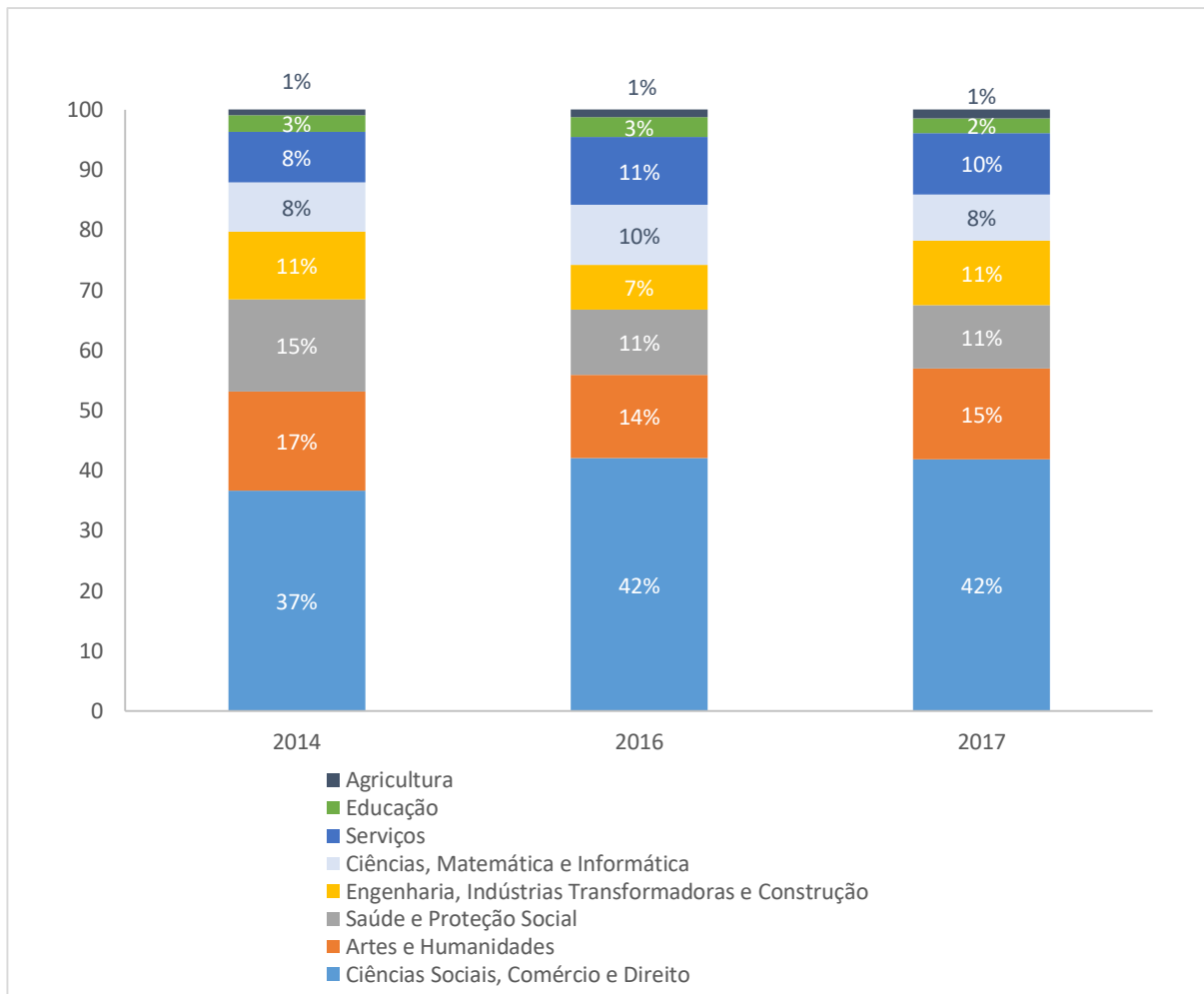
Nota: CET – Curso de especialização tecnológica; CEF – Curso de educação e formação.

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

As três áreas mais escolhidas pelos jovens trabalhadores estudantes que prosseguiram estudos pós-secundários foram: ciências sociais, comércio e direito (42%), artes e humanidades (15%), saúde e proteção social e engenharia, indústrias transformadoras e construção, ambas com 11%.

Entre 2014 e 2017, a escolha da área das ciências sociais, comércio e direito subiu 5 p.p. e a dos serviços 2.p.p, enquanto a escolha da área da saúde e proteção social diminuiu 4 p.p. e a de artes e humanidades 2 p.p. (Figura 20).

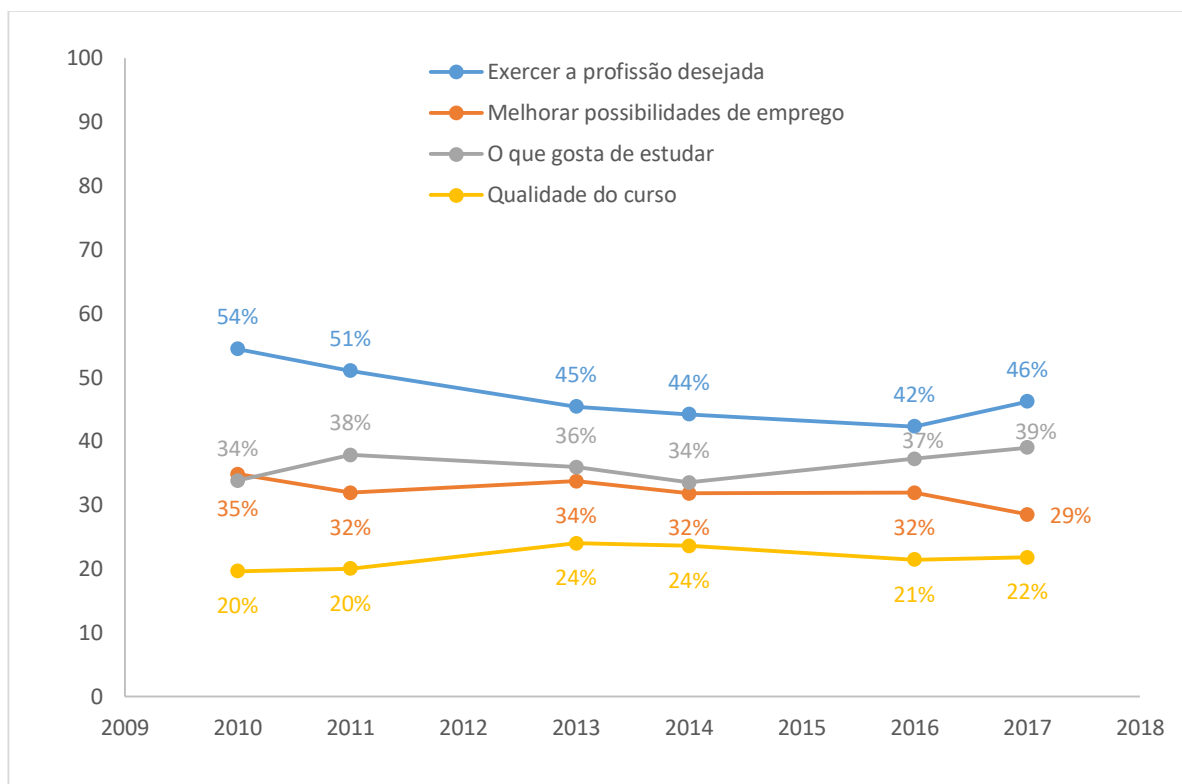
Figura 20 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário (2014, 2016 e 2017).

As principais motivações apontadas para a escolha da área de estudo/course foram o facto de permitir exercer a profissão que pretendiam seguir (46%), ser o curso que gostariam de estudar (39%), melhorar as oportunidades de emprego (29%) e ser um curso com qualidade (22%) (Figura 21).

Figura 21 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por razões para a escolha do curso ou formação e ano (%)

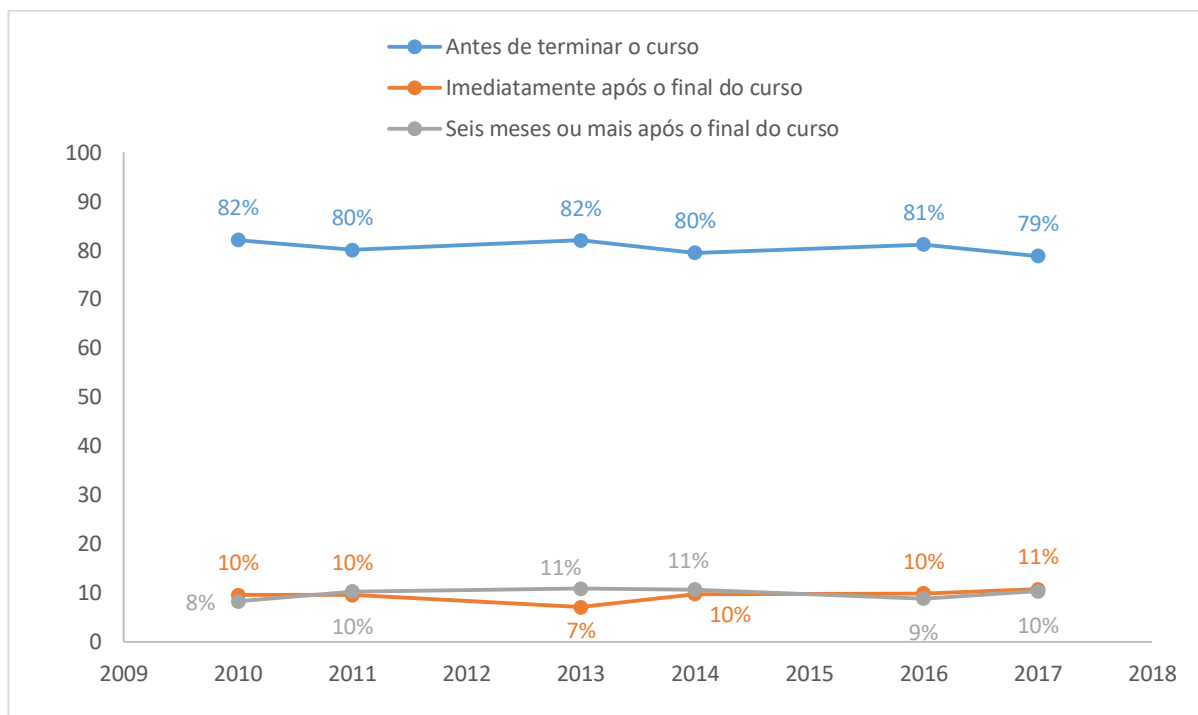


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

2.3.2. Inserção profissional

Os dados revelam que a maioria destes jovens (79%) começou a trabalhar ainda durante o percurso escolar no ensino secundário ou seis ou mais meses após o final do curso (11%), e que entre 2010 e 2017 aqueles que começaram a trabalhar antes de terminar o curso diminuíram 3 p.p. (Figura 22).

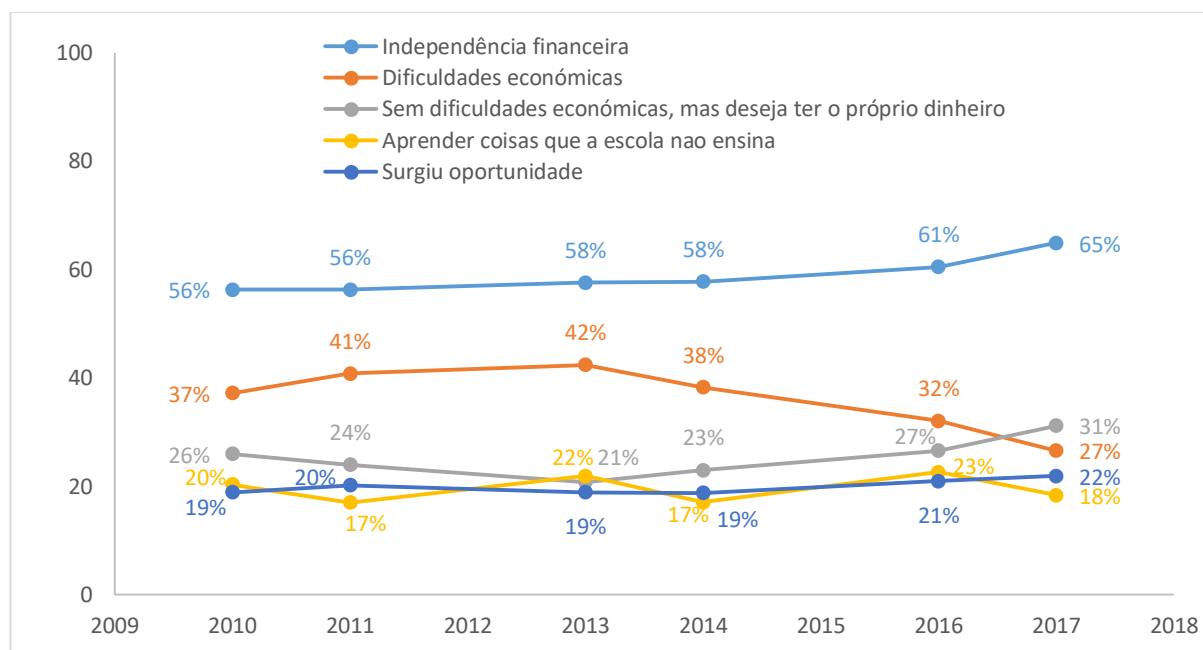
Figura 22 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos científico-humanísticos, por momento de inserção profissional e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

As questões económicas, principalmente a autonomia financeira, foram as razões mais referidas pelos trabalhadores estudantes para terem começado a trabalhar. A maioria começou a trabalhar para ter independência financeira (65%) e porque, apesar da família não ter dificuldades económicas, queriam ter o seu próprio dinheiro (31%), seguindo-se as dificuldades económicas (27%), o ter surgido uma oportunidade (22%) e o aprender coisas que a escola não ensina (18%) (Figura 23). Em relação a 2010, a autonomia financeira, queriam ter o seu próprio dinheiro, o surgir de uma oportunidade foram as razões que mais expressão ganharam em 2017, com um aumento de 9 p.p., 5 p.p. e 3 p.p. respetivamente. Aquelas que perderam expressão entre 2010 e 2017 foram as dificuldades económicas e o aprender coisas que a escola não ensina com menos 10 p.p. e 2 p.p. respetivamente.

Figura 23 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos científico-humanísticos, razões para terem começado a trabalhar e ano (%)

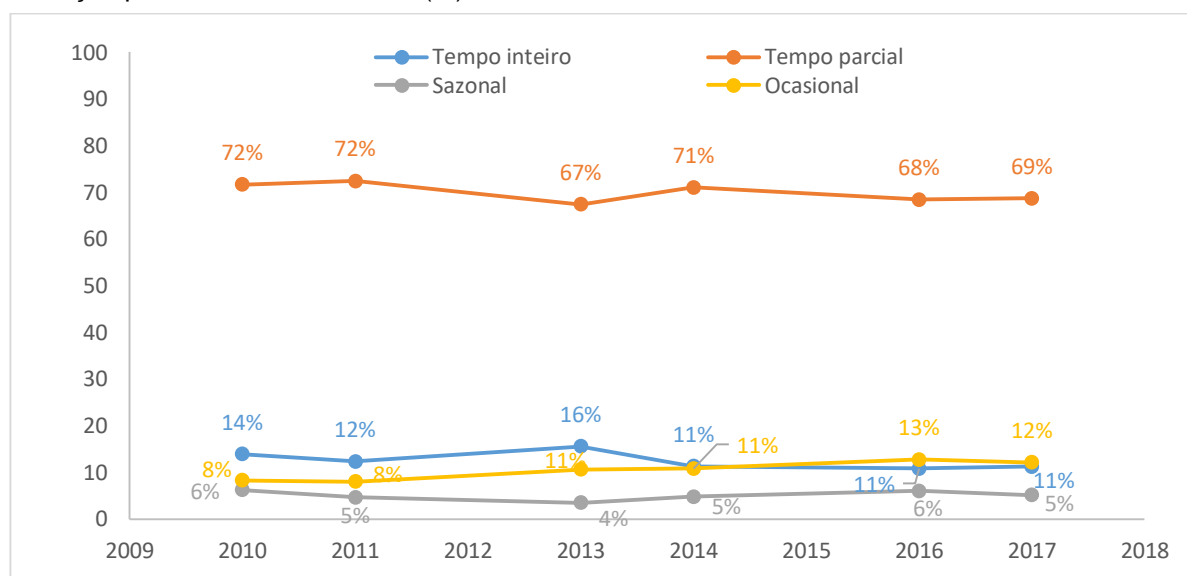


Nota: esta análise refere-se a uma questão de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A condição perante o trabalho destes jovens revelou que 69% trabalhava a tempo parcial, 11% a tempo inteiro, 12% trabalhavam ocasionalmente e 5% sazonalmente (Figura 24).

Figura 24 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos científico-humanísticos, condição perante o trabalho e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Tendo em consideração que a maioria destes jovens se encontrava a trabalhar antes de terminar o ensino secundário (79%, cf. Figura 22), num regime de trabalho a tempo parcial (69%, cf. Figura 24), colocou-se a questão de que profissões desempenhavam estes jovens. E as principais profissões

desempenhadas pelos trabalhadores estudantes inseriam-se, maioritariamente, nos grupos “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (57%), seguindo-se “técnicos e profissionais de nível intermédio” e os “trabalhadores não qualificados”, ambos com 10%, os “especialistas das atividades intelectuais e científicas” com 9% e o “pessoal administrativo” com 7%. Foram os jovens a desempenhar funções como “pessoal administrativo” e o “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” que baixaram 11 p.p. e 9 p.p. entre 2010 e 2017, sendo os “especialistas das atividades intelectuais e científicas”, os “técnicos e profissionais de nível intermédio” e os “trabalhadores não qualificados” os que mais aumentaram nesse período em 7 p.p., 5 p.p. e 5 p.p. respetivamente (Quadro 2).

Quadro 2 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos científico-humanísticos, por grande grupo profissional e ano (%)

	2010	2011	2013	2014	2016	2017
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	2	3	3	4	4	5
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	2	2	5	5	11	9
Técnicos e profissionais de nível intermédio	5	9	12	13	10	10
Pessoal administrativo	18	13	10	13	6	7
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	66	63	57	55	58	57
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0	1	0	1	0	1
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	3	2	3	2	3	2
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1	1	2	0,4	0	1
Trabalhadores não qualificados	5	8	9	7	8	10
TOTAL	100	100	100	100	100	100

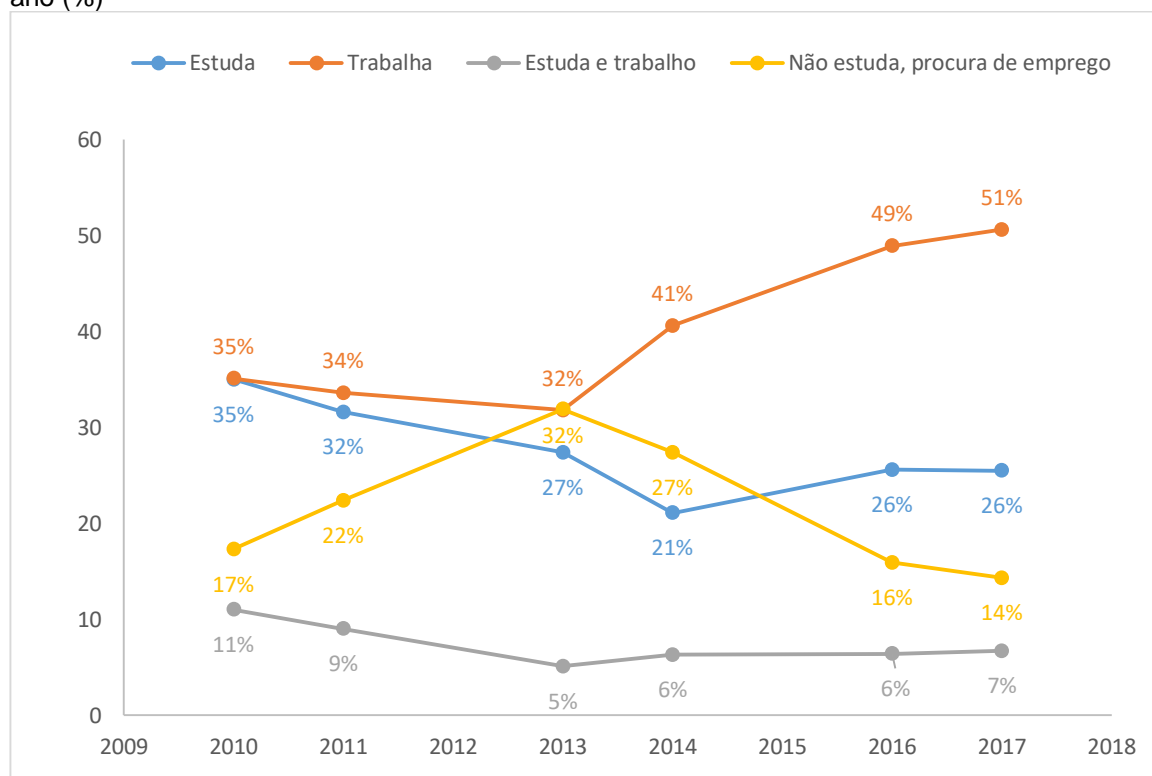
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

3. Jovens dos cursos profissionais (CP)

Os cursos profissionais estão direcionados para uma integração imediata no mercado de trabalho após a conclusão do ensino secundário. No entanto, o mercado de trabalho não é o único trajeto possível para os jovens que concluem esta oferta de educação e formação. Tendo este aspeto em consideração, analisámos os resultados dos 34% de jovens que frequentaram e terminaram um curso profissional com certificação profissional no ensino secundário, para assim conhecer os vários percursos escolhidos no período entre 2010 e 2017.

Alinhado com os objetivos desta modalidade de ensino, sem surpresas no pós-secundário, a maioria dos jovens estava a trabalhar (51%, mais 16 p.p. face aos resultados de 2010). Dos restantes, cerca de 26% dos jovens estavam exclusivamente a estudar, menos 9 p.p. em relação a 2010, cerca de 14% não estudavam, mas procuravam emprego (menos 3 p.p. face a 2010) e 7% estudavam e trabalhavam, menos 4 p.p. que em 2010. Entre 2010 e 2014, aqueles que apenas estudavam desceram 14 p.p., e os que trabalharam subiram 14 p.p. entre 2010 e 2016. Também aqueles que não estudavam, mas procuravam emprego conheceram uma subida exponencial entre 2010 e 2014, de 10 p.p., começando a baixar para valores equivalentes aos de 2010 apenas em 2016. A recente diminuição de jovens provenientes dos CP que “não estudam, mas procura emprego” indicia uma maior empregabilidade destes jovens desde 2016 (Figura 25).

Figura 25 - Jovens provenientes dos cursos profissionais, por atividade realizada no pós-secundário e ano (%)



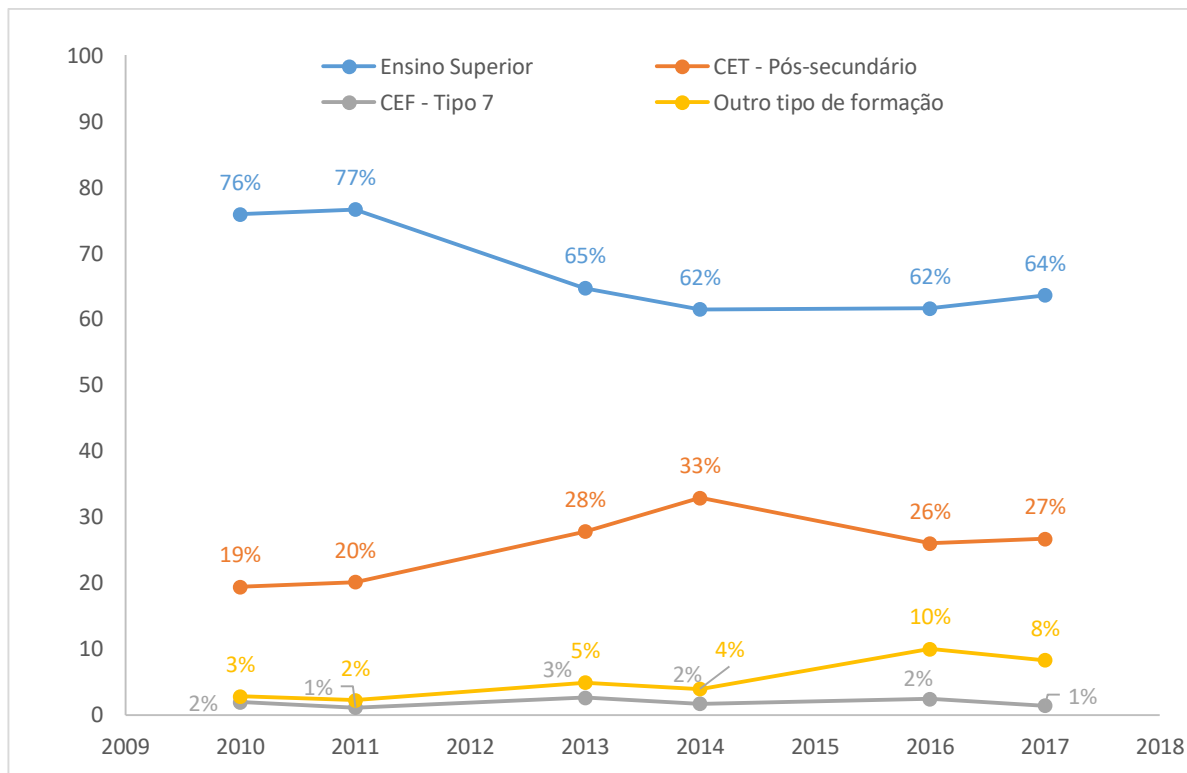
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

3.1. Jovens que se encontravam exclusivamente a estudar

Entre os jovens que concluíram um curso profissional, os que se encontravam exclusivamente a estudar no pós-secundário representavam 26% (cf. Figura 25). Estes jovens apresentaram uma certa dispersão entre diversas ofertas formativas, destacando-se a frequência do ensino superior, com 64%, menos 12 p.p. relativamente a 2010, seguindo-se os cursos de especialização tecnológica (27%), com mais 8 p.p. relativamente a 2010 (Figura 26).

Como referido anteriormente, em 2017, pela primeira vez, o Inquérito aos Jovens no pós-secundário destrinçou o ensino superior entre ensino universitário e ensino politécnico, e dentro deste último, os cursos de técnico superior profissional (TeSP). Em 2017, 34% dos estudantes que estavam exclusivamente a estudar faziam-no no ensino universitário, 33% numa licenciatura do ensino politécnico e 33% a frequentar um curso TeSP.

Figura 26 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a estudar, por formação frequentada no pós-secundário e ano (%)

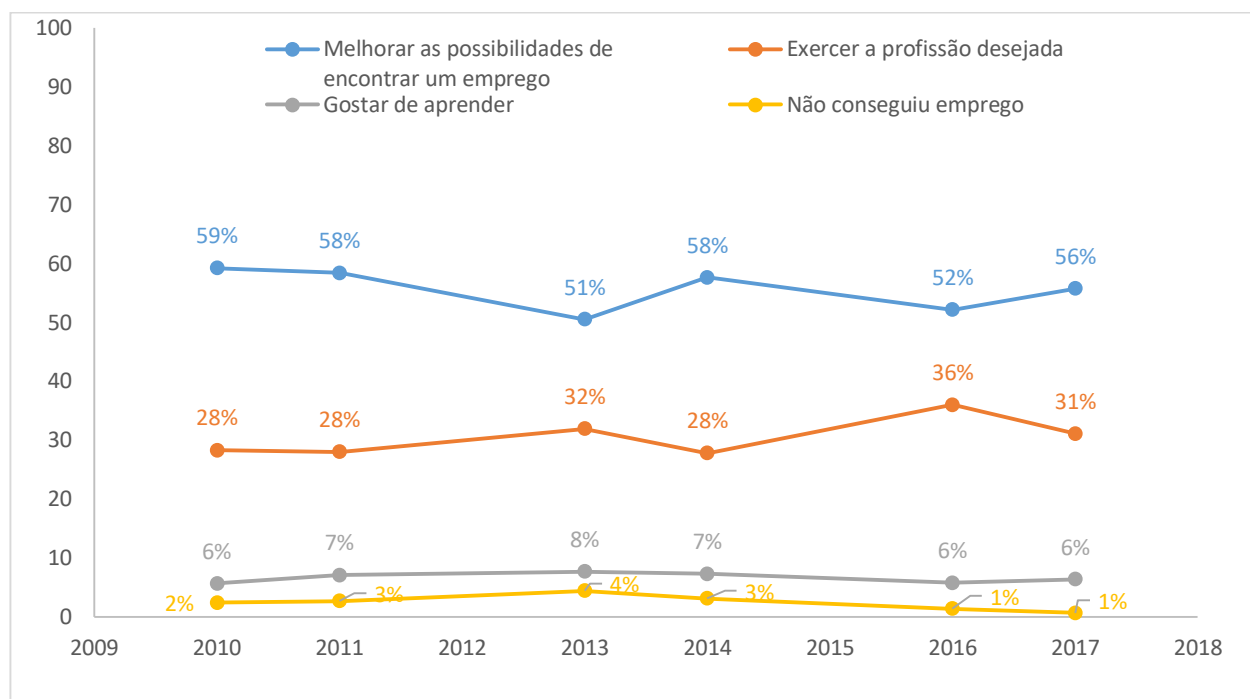


Nota: CET – Curso de especialização tecnológica; CEF – Curso de educação e formação.

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

As razões mais referidas para estes jovens prosseguirem estudos no pós-secundário foram o melhorar a possibilidade de encontrar um emprego (56%), menos 3 p.p. que em 2010, e poderem exercer a profissão desejada (31%), mais 3 p.p. que em 2010, e 6% porque gostam de estudar, mantendo-se esta percentagem ao longo dos anos analisados (Figura 27).

Figura 27 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a estudar, por razões para o prosseguimento de estudos no pós-secundário e ano (%)

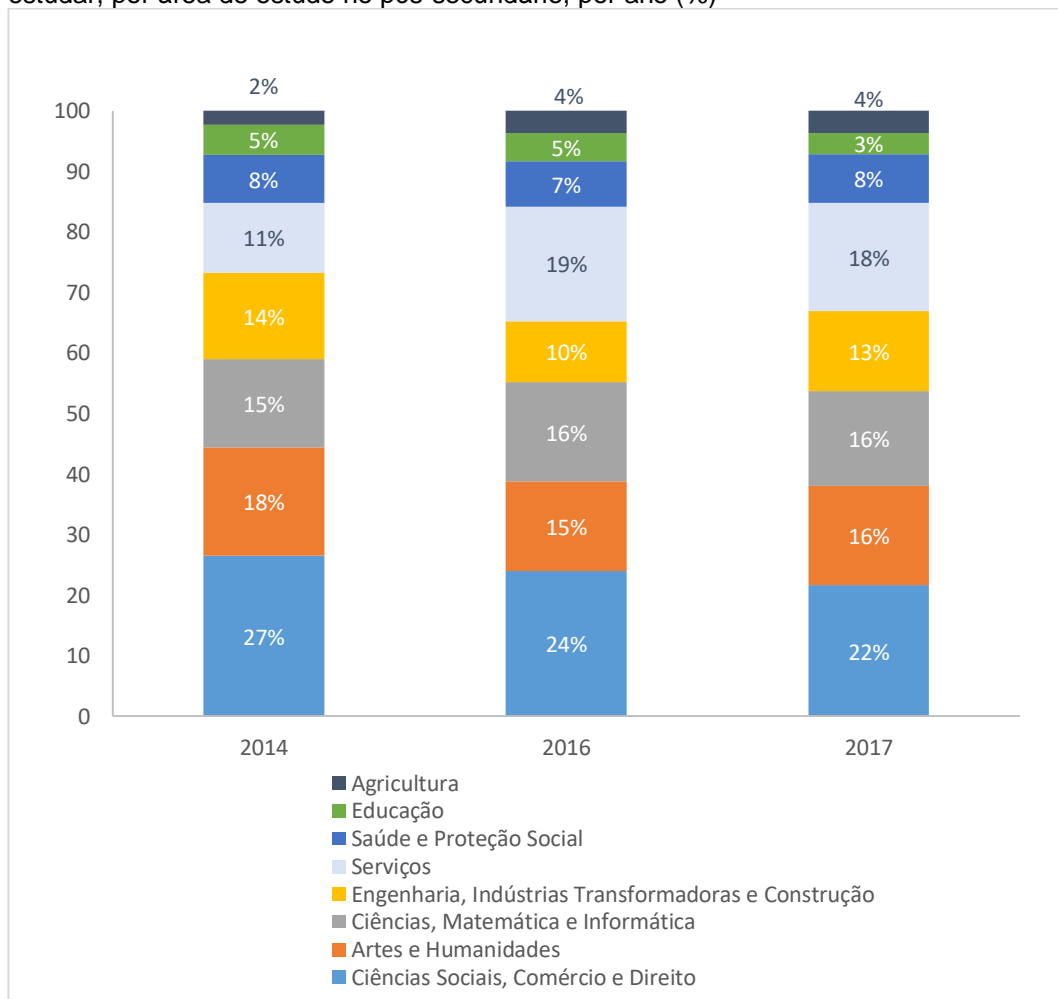


Nota: esta análise refere-se a uma questão de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Relativamente às áreas de estudo que estavam a frequentar no pós-secundário, constatou-se que as áreas mais escolhidas foram as ciências sociais, comércio e direito (22%), serviços (18%), artes e humanidades e ciências, matemática e informática ambas com 16%, o que relativamente a 2014, demonstra principais diferenças na área das ciências sociais, comércio e direito que registou um decréscimo de 5 p.p., na artes e humanidades a descida foi de 2 p.p., sendo que o principal aumento, bastante acentuado, foi observado na área dos serviços (7 p.p.) (Figura 28).

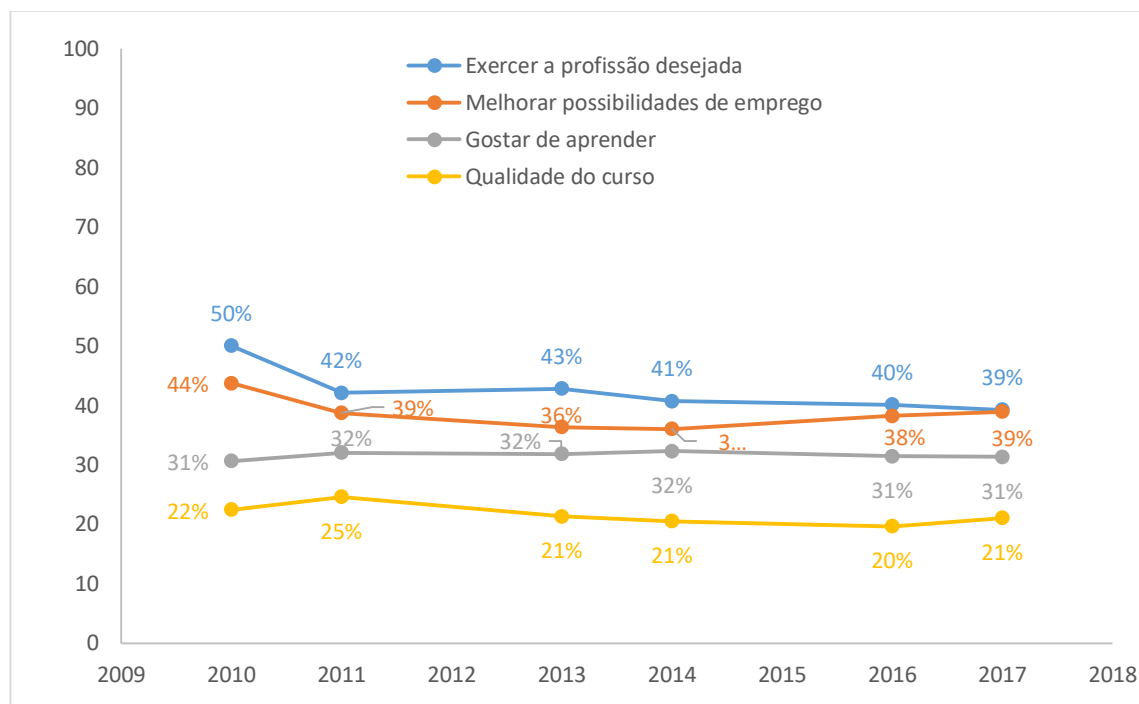
Figura 28 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a estudar, por área de estudo no pós-secundário, por ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

O facto de ser um curso que permite exercer a profissão desejada (39%), melhorar as oportunidades encontrar de emprego (39%), de gostar de aprender (31%) e a qualidade do curso (21%) foram os motivos mais apontados pelos jovens para a escolha dos seus cursos. No entanto, a importância das duas primeiras razões desceu 11 p.p. e 5 p.p. respetivamente em relação ao ano de 2010 (Figura 29).

Figura 29 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a estudar, por razões para a escolha do curso ou formação no pós-secundário e ano (%)

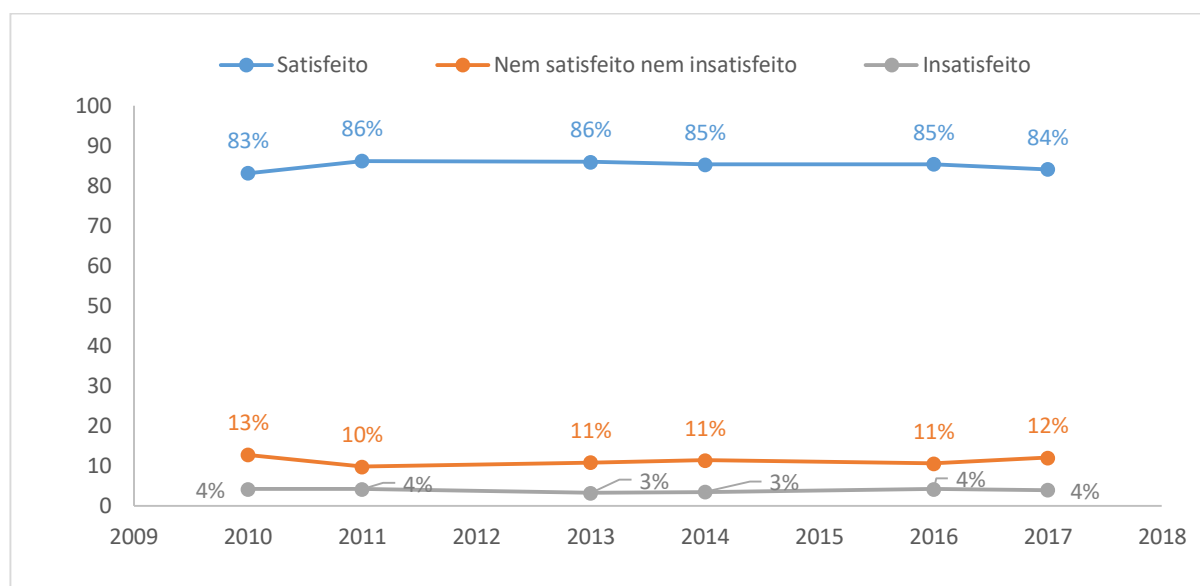


Nota: esta análise refere-se a uma questão de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Analisando o grau de satisfação dos jovens face ao trajeto escolar, verifica-se que a maioria (84%) se encontravam satisfeitos, existindo apenas 4% insatisfeitos com o seu trajeto (Figura 30).

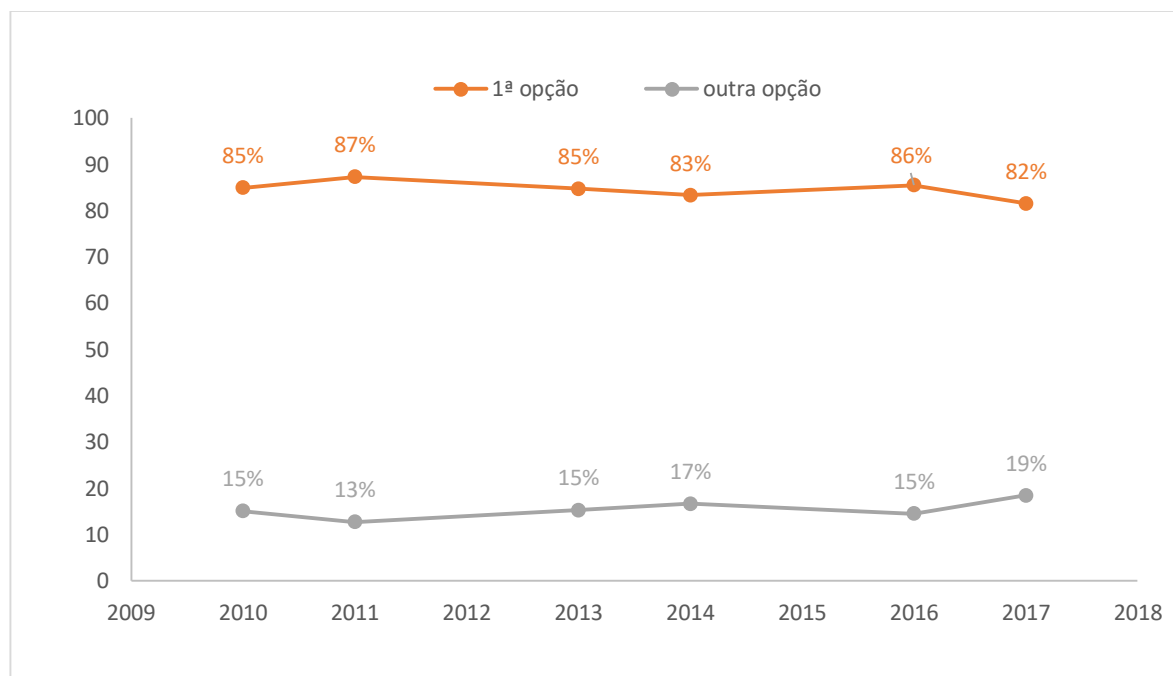
Figura 30 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a estudar, por grau de satisfação face ao trajeto escolar e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A maioria destes jovens frequentaram cursos que foram a sua 1ª opção (82%), apesar de existir um decréscimo de 3 p.p. em relação a 2010 (Figura 31).

Figura 31 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a estudar a frequentar o curso escolhido na primeira opção, por ano (%)

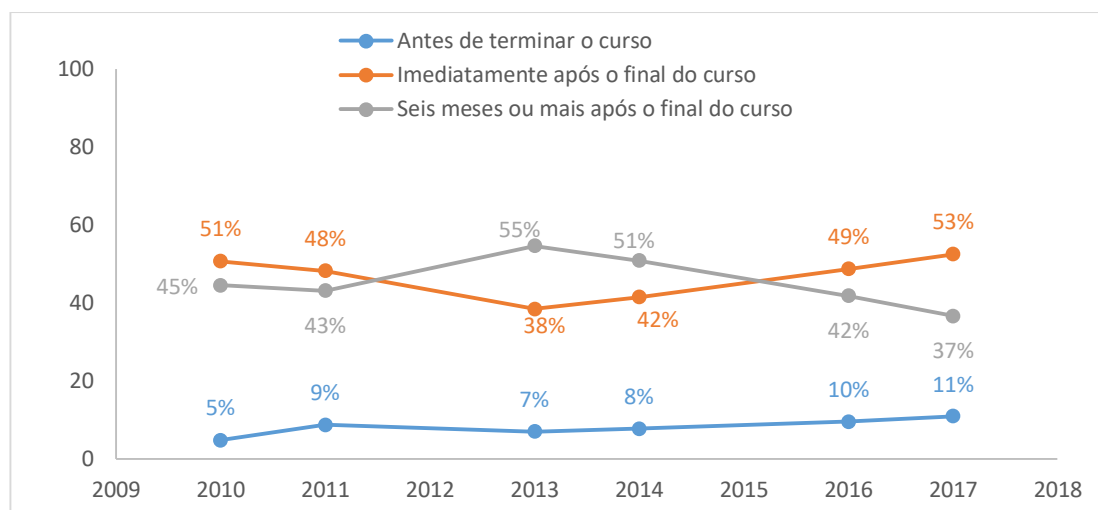


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

3.2. Jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar

O segmento de jovens que trabalha em exclusivo teve uma integração rápida no mercado de trabalho, uma vez que 53% entraram imediatamente após o final do curso, mais 2 p.p. do que em 2010, mas com uma quebra significativa de 13 p.p. entre 2010 e 2014. Aqueles que só tiveram uma integração laboral seis meses ou mais após ao final do curso diminuíram 8 p.p. entre 2010 e 2017, mas sofreram um aumento de 12 p.p. entre 2011 e 2013. Em 2017 apenas 11% destes jovens tinham iniciado a sua atividade profissional antes de terminar o curso, mais 6 p.p. em relação a 2010 (Figura 32).

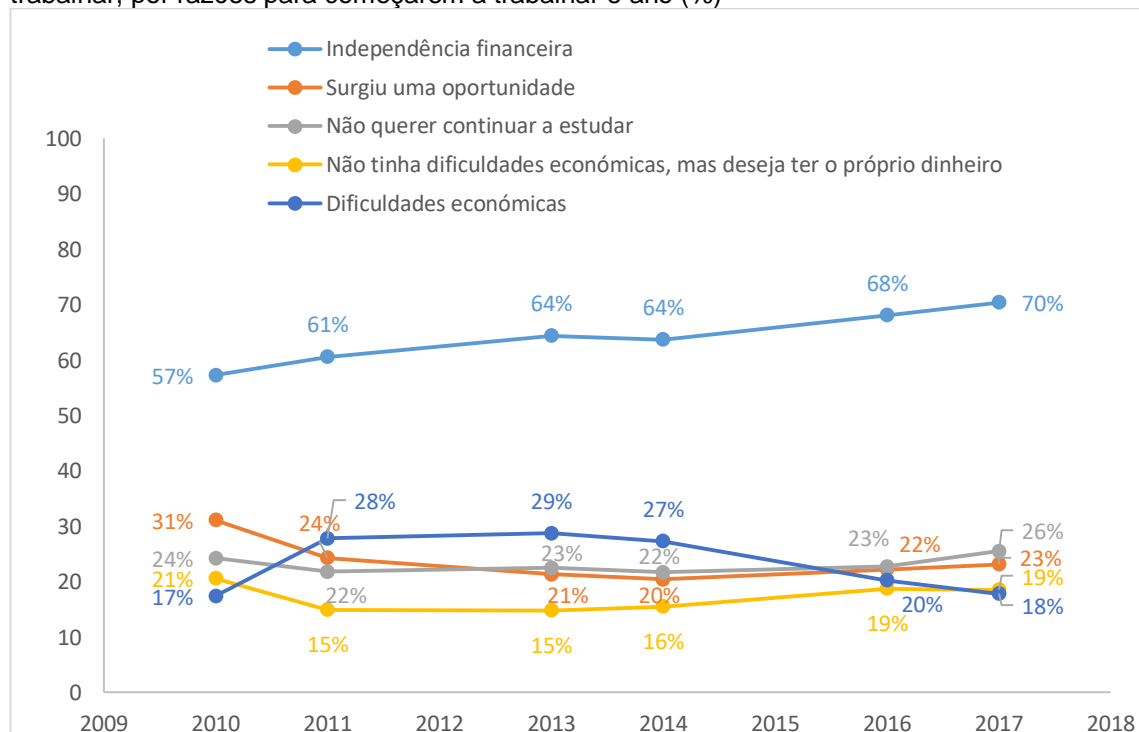
Figura 32 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por momento de inserção profissional no pós-secundário e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

O principal motivo apontado para começarem a trabalhar foi a necessidade de independência financeira (70% em 2017, mais 13 p. p. que em 2010). As restantes duas razões mais indicadas foram surgiu uma oportunidade (23% em 2017, descendo 8 p.p. comparativamente a 2010), e não querer continuar a estudar (26% em 2017, menos 2 p.p. do que 2010) (Figura 33).

Figura 33 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por razões para começarem a trabalhar e ano (%)



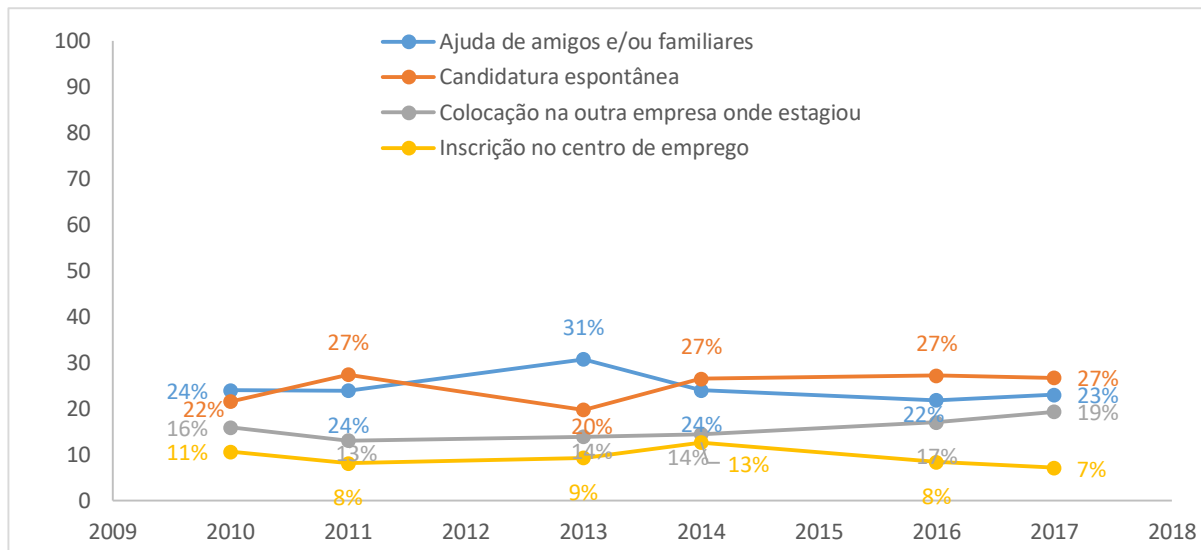
Nota: esta análise refere-se a uma questão de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Os principais meios para integração no mercado de trabalho foram através da ajuda de amigos e/ou familiares (23%), de uma candidatura espontânea (27% em 2017, mais 5 p.p. do que em 2010), através

da colocação na empresa onde fez o estágio (19%) e inscrição no centro de emprego (7% em 2017, menos 4 p.p. que em 2010). De realçar que os cursos profissionais têm uma componente de estágio que, na maioria das escolas, é dividido por diferentes anos letivos e realizado em locais diferentes, possibilitando aos jovens dos cursos profissionais experienciar diferentes realidades laborais e facilitando uma possível integração na empresa onde estagiaram (Figura 34).

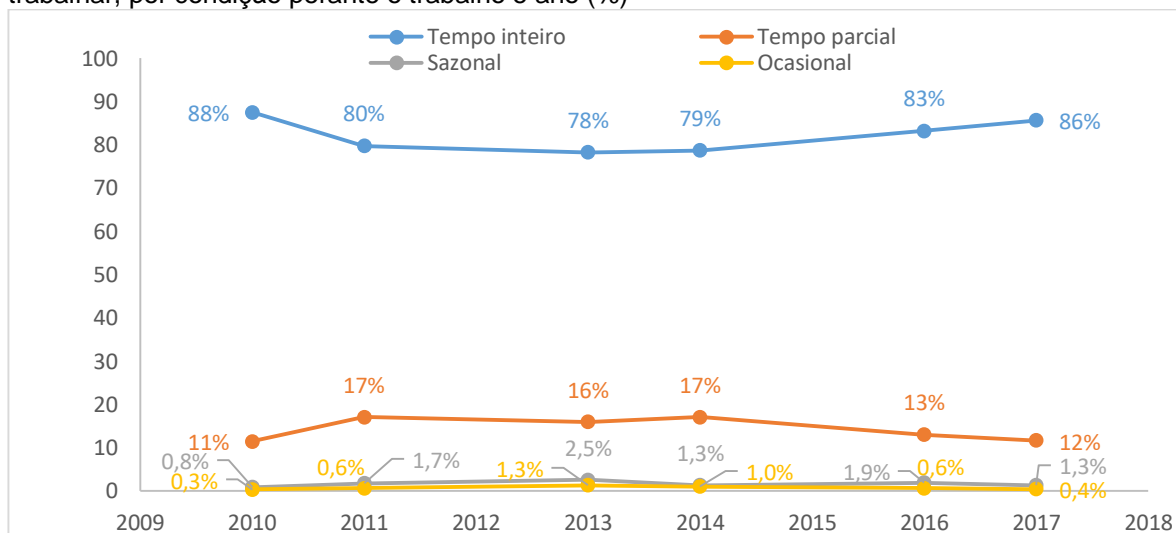
Figura 34 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por modo de inserção profissional e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Tendo em consideração que estes jovens se encontravam exclusivamente a trabalhar, a maior parte a tempo inteiro (86%) e cerca de 12% a tempo parcial, era residual a proporção de jovens que integraram o mercado de trabalho de forma sazonal (1,3%) e ocasional (0,4%) (Figura 35).

Figura 35 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por condição perante o trabalho e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

A estrutura da empregabilidade destes tem vindo a mudar ao longo dos anos, sendo que 29% dos jovens desempenhavam profissões⁴ enquadradas nos grupos: “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (menos 3.p.p que em 2010), “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (19%, representando mais 12 p.p. que em 2010), “trabalhadores não qualificados” (15%, mais 8 p.p. que em 2010), técnicos profissionais de nível intermédio (13%, menos 17 p.p. que em 2010), e “pessoal administrativo” com 11%. De realçar que as profissões menos desempenhadas inserem-se no grupo profissional dos “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta” e dos “representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos”, ambos com 2% (Quadro 3).

Quadro 3 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por grande grupo profissional e ano (%)

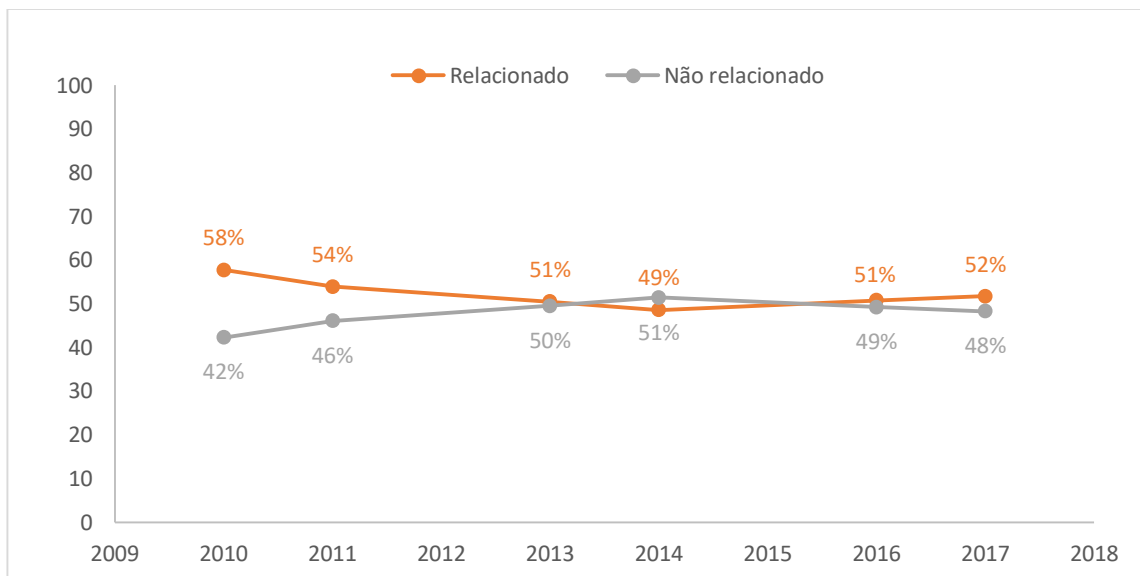
	2010	2011	2013	2014	2016	2017
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	5	2	3	2	2	2
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	3	2	3	4	8	6
Técnicos e profissionais de nível intermédio	30	21	16	16	13	13
Pessoal administrativo	15	11	13	13	11	11
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	32	37	28	32	30	29
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0	1	1	2	1	2
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	7	13	18	13	19	19
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1	3	2	4	4	4
Trabalhadores não qualificados	7	12	17	14	13	15
TOTAL	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

⁴ Classificação portuguesa das profissões (CPP) 2010, ao nível do Grande Grupo

Para a maioria destes jovens (52%) existe relação entre a profissão atual e o seu projeto profissional futuro, menos 6 p.p. que em 2010 (Figura 36).

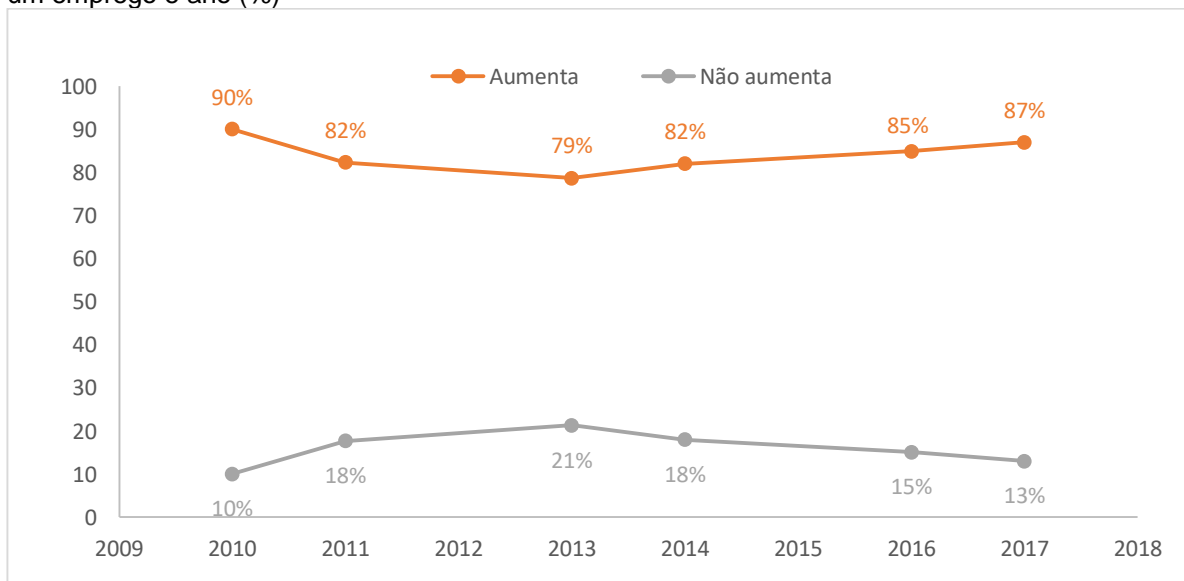
Figura 36 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

De realçar que cada vez mais os jovens consideram que a conclusão do ensino secundário aumenta a possibilidade de se encontrar emprego (87%, menos 3 p.p. que em 2010), e 13% consideram que a conclusão do ensino secundário não aumenta essa possibilidade (Figura 37).

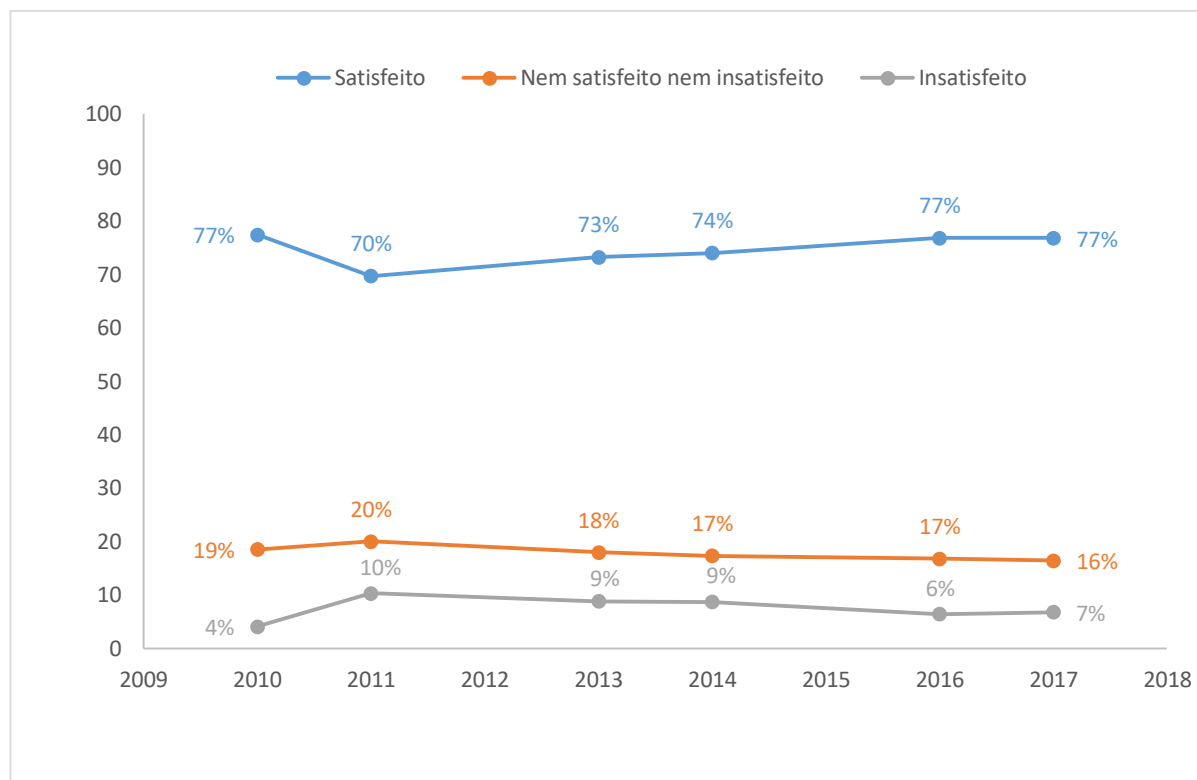
Figura 37 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por opinião sobre se a conclusão do ensino secundário aumenta a possibilidade de encontrar um emprego e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Por fim, analisou-se o grau de satisfação dos jovens dos CP relativamente ao trabalho que estavam a desempenhar, verificando-se que a maioria se encontrava satisfeita (77%), e que 7% dos jovens estavam insatisfeitos, representando um aumento de 3 p.p. relativamente a 2010 (Figura 38).

Figura 38 - Jovens provenientes dos cursos profissionais que se encontravam exclusivamente a trabalhar, por grau de satisfação com o trabalho que estavam a desempenhar e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

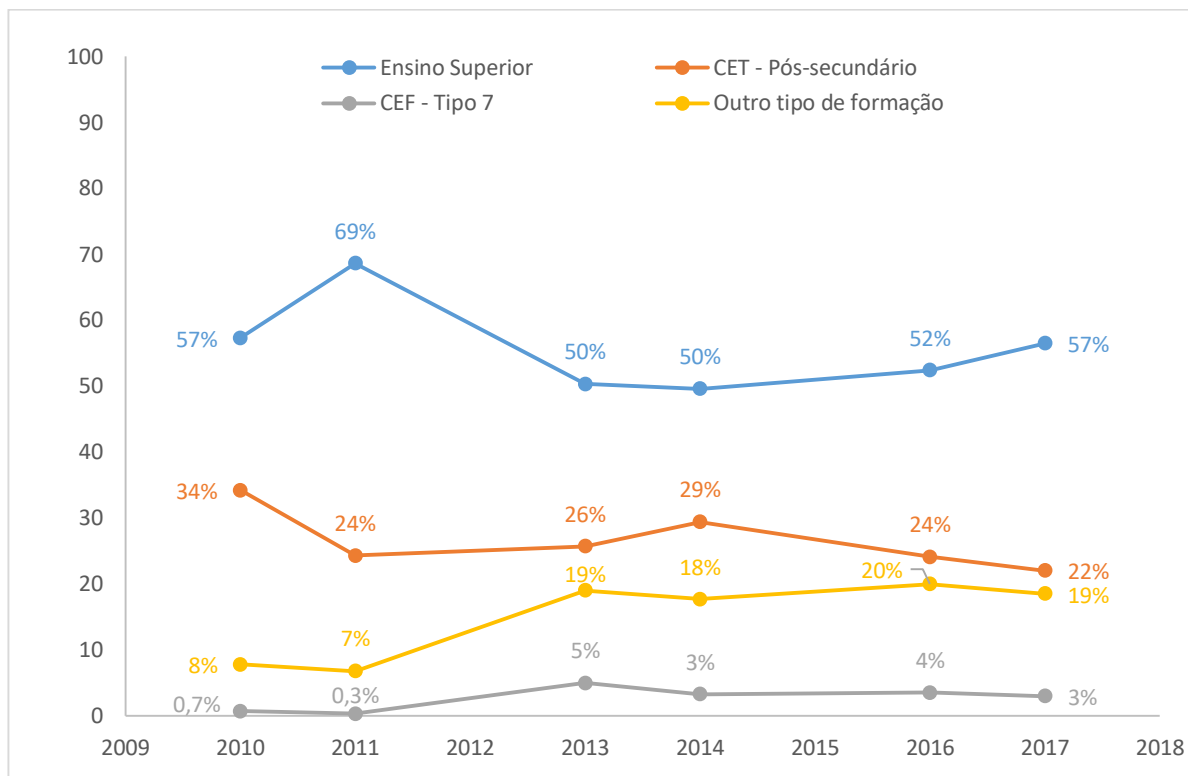
3.3. Trabalhadores estudantes

3.3.1. Percurso escolar

Os jovens dos cursos profissionais que em 2017, se encontravam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo no momento de inquirição representavam 7% do total de jovens (cf. Figura 6) e 7% no segmento dos jovens que concluíram um curso profissional (cf. Figura 25).

Os jovens trabalhadores estudantes frequentavam maioritariamente o ensino superior (57%), seguindo-se os que frequentavam cursos de especialização tecnológica (22%), menos 12 p.p. que em 2010 (Figura 39).

Figura 39 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos profissionais, por formação frequentada no pós-secundário e ano (%)

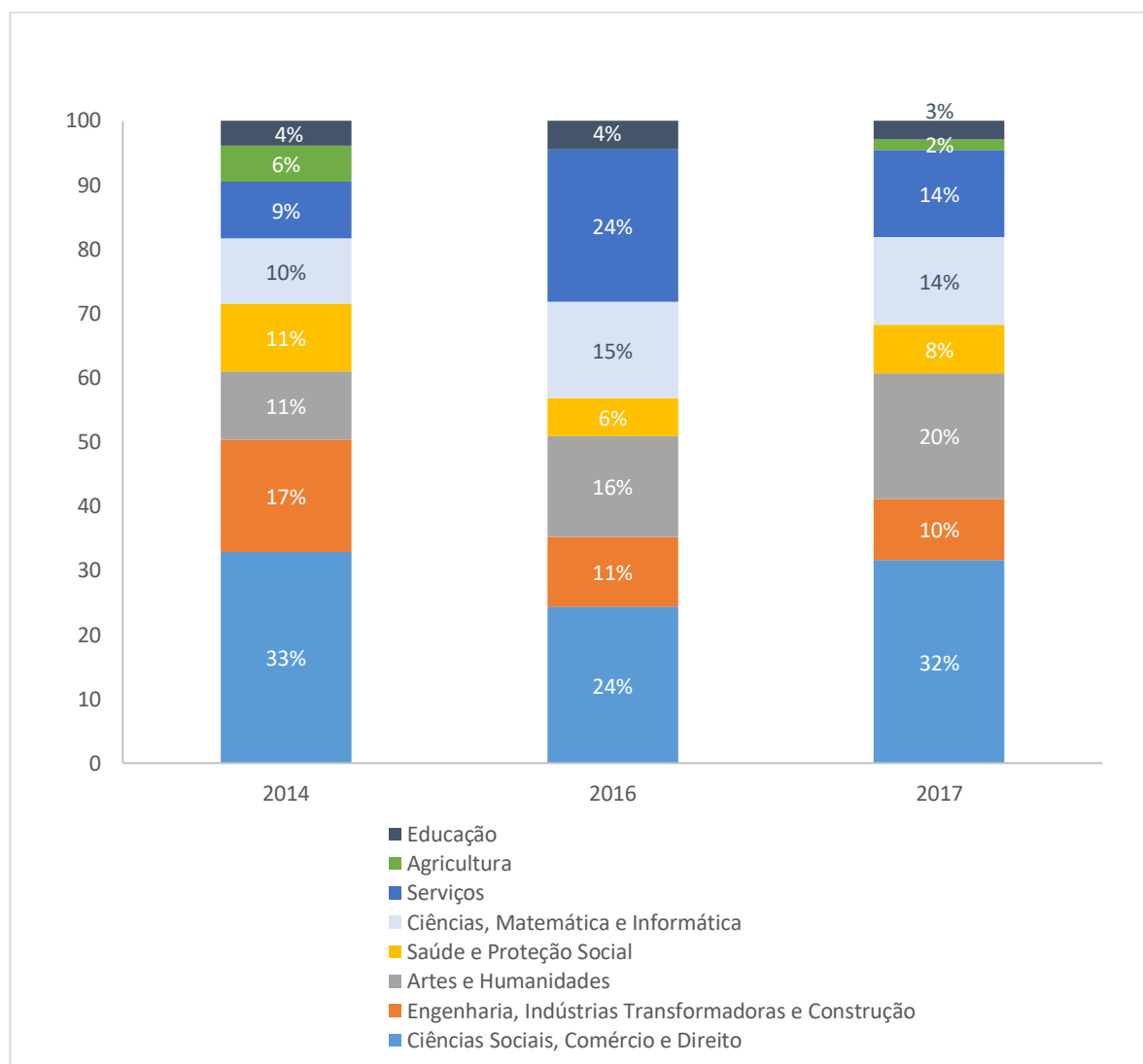


Nota: CET – Curso de especialização tecnológica; CEF – Curso de educação e formação.

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Relativamente à área de formação dos cursos que estes jovens frequentavam, cerca de um terço escolheram as áreas das ciências sociais, comércio e direito (32%) ou artes e humanidades (20%, mais 9 p.p. relativamente a 2010), destacando-se ainda, a área das ciências, matemática e informática (14%, mais 4 p.p. que em relação a 2010) (Figura 40).

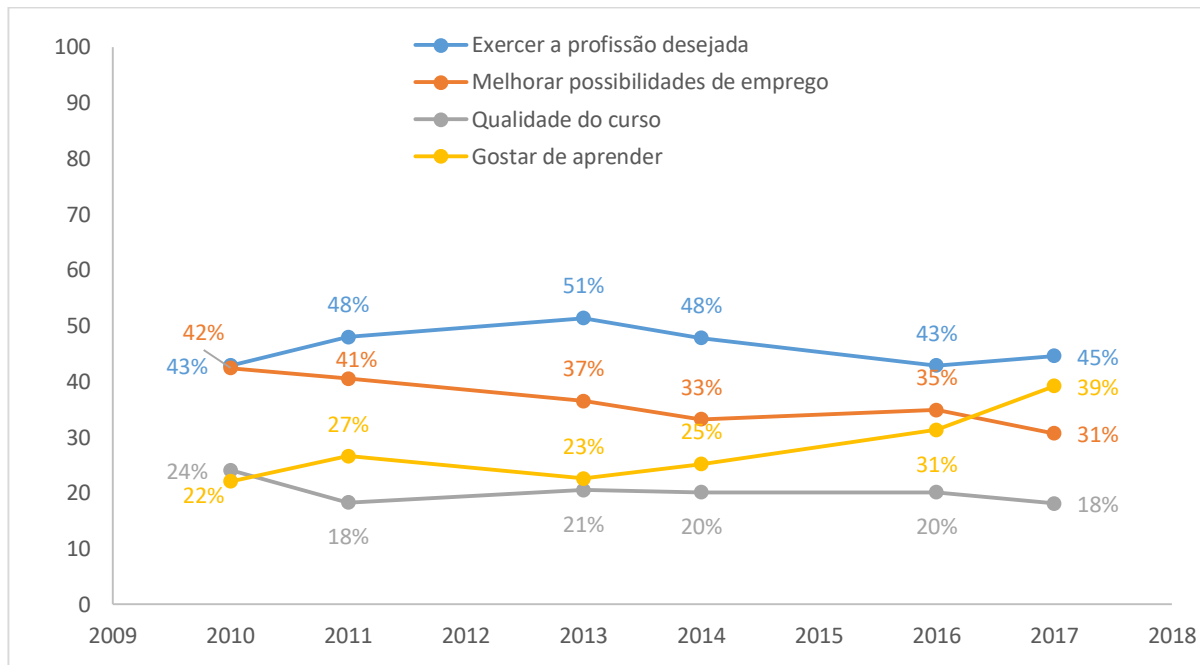
Figura 40 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos profissionais, por área de estudo e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

O facto do curso frequentado permitir desempenhar a profissão desejada (45%), o gostar de aprender (39%) e o melhorar as oportunidades de emprego (31%). Neste período, destaca-se o aumento dado à escolha do curso por ser aquilo que gostavam de estudar, ganhando uma forte e significativa importância neste período, com uma diferença de mais 17 p.p. entre 2010 e 2017, enquanto que o facto de melhorar as oportunidades de emprego e a qualidade do curso foram os motivos que mais perderam relevância no caso trabalhadores estudantes dos CP, descendo de 11 p.p. e 6 p.p. respetivamente e entre 2010 e 2017. (Figura 41)

Figura 41 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos profissionais, por razões para a escolha do curso ou formação e ano (%)

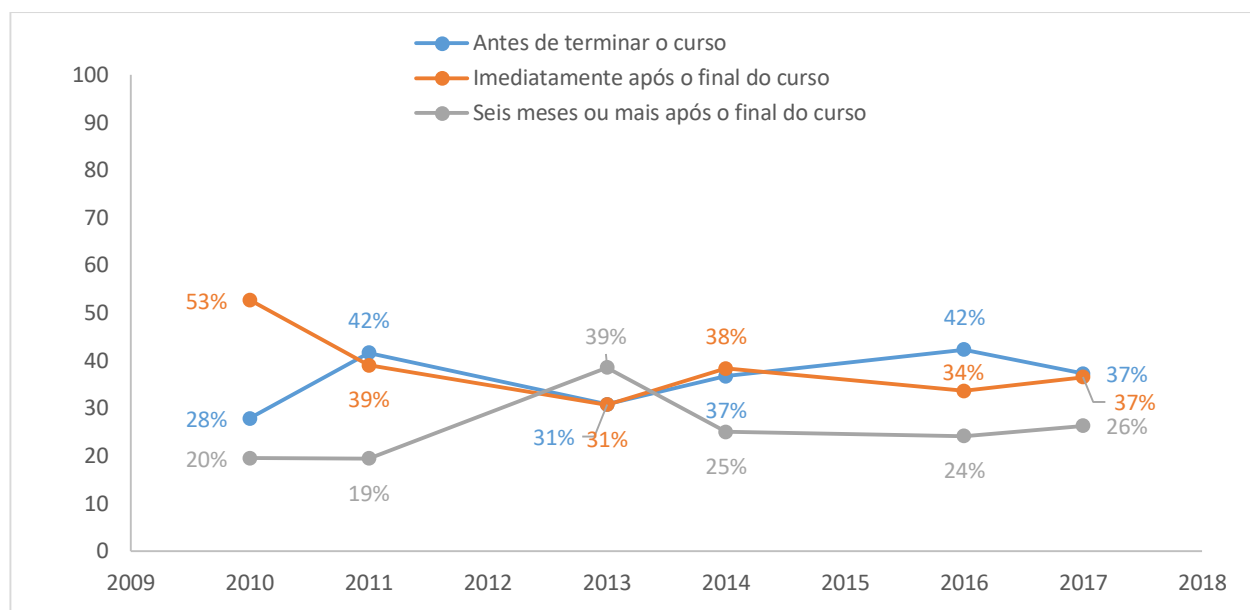


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

3.3.2. Inserção profissional

Analisando o trajeto profissional dos jovens trabalhadores estudantes pelo momento de inserção profissional, constatou-se que os jovens integraram o mercado de trabalho antes ou imediatamente a seguir ao final do curso, ambos com 37%, e cerca de 26% seis ou mais meses após o final do curso, tendo aumentado 9 p.p. aqueles começavam a trabalhar antes de terminar o curso e 6 p.p. aqueles que começam a trabalhar seis meses ou mais após terminarem o ensino secundário face a 2010. Destaca-se ainda a redução de 16 p.p. de jovens que se inseriam profissionalmente após o final do curso (Figura 42).

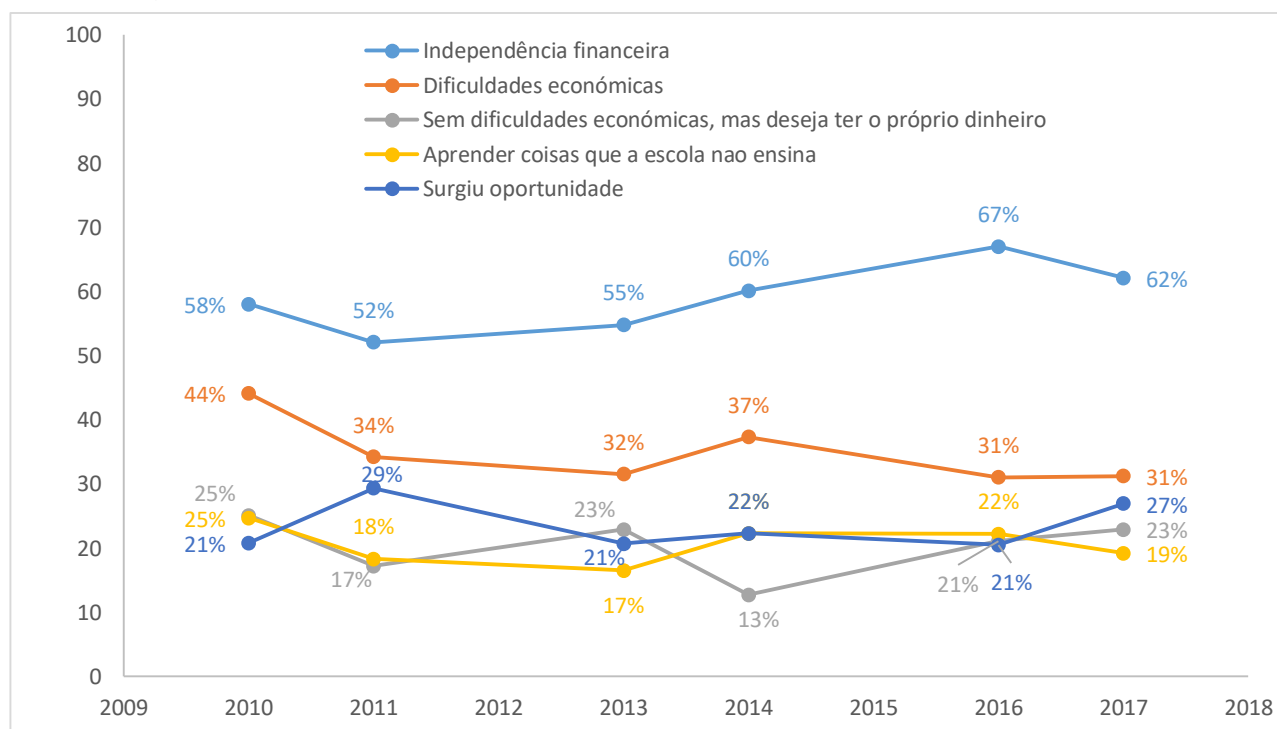
Figura 42 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos profissionais, por momento de inserção profissional e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

As questões económicas são as que mais justificaram a integração dos jovens trabalhadores estudantes no mercado de trabalho, destacando-se a necessidade de conseguirem independência financeira (62%) e as dificuldades económicas (31%), sendo que esta última teve um decréscimo de 13 p.p. comparativamente com 2010 (Figura 43).

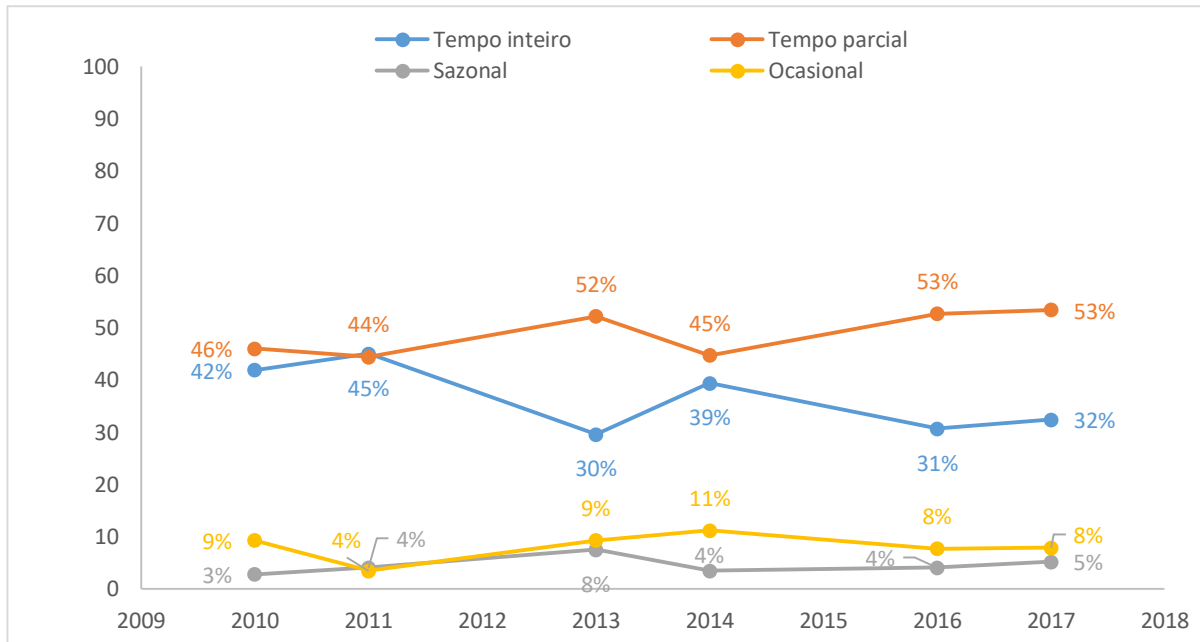
Figura 43 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos profissionais, por razões para terem começado a trabalhar e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Tendo em consideração que estes jovens se encontravam exclusivamente a trabalhar, a maior parte a tempo inteiro (32%) e cerca de 53% a tempo parcial, sendo residual a proporção de jovens que integraram o mercado de trabalho de forma sazonal (5%) e ocasional (8%) (Figura 44). Os jovens trabalhadores estudantes que trabalhavam a tempo inteiro reduziram 10 p.p. face a 2010, existindo um consequente crescimento nos que trabalhavam a tempo parcial (7 p.p.).

Figura 44 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos profissionais, por condição perante o trabalho e ano (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.

Estes jovens desempenhavam profissões⁵ enquadradas nos grupos: “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (41%) existindo um decréscimo de 6 p.p. face a 2010, “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (16%) com um aumento de 8 p.p. e “técnicos e profissionais de nível intermédio” (15%) que também teve um decréscimo de 5 p.p. (Quadro 4).

⁵ Classificação portuguesa das profissões (CPP) 2010, ao nível do Grande Grupo

Quadro 4 - Jovens trabalhadores estudantes provenientes dos cursos profissionais, por grande grupo profissional e ano (%)

	2010	2011	2013	2014	2016	2017
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	3	3	6	3	5	1
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	8	5	2	6	11	16
Técnicos e profissionais de nível intermédio	20	22	19	22	14	15
Pessoal administrativo	8	16	12	8	9	10
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	47	41	43	41	41	41
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	2	0	2	3	0	0
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	5	0	3	6	7	7
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	3	1	1	2	1	1
Trabalhadores não qualificados	4	11	11	10	13	10
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no Pós-Secundário - 2010, 2011, 2013, 2014, 2016 e 2017.